

NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA A GUANABARA

ANO III Rio de Janeiro, semana de 21 a 27 de julho de 1961 N.º 124

Política de Jânio Ameaça Marítimos e Ferroviários Com Desemprego em Massa

Povo Comemorará "26 de Julho" Com Reuniões de Apoio a Cuba

A COMISSÃO Brasileira de Solidariedade ao Povo Cubano promoverá, no próximo dia 26, às 20 horas, no salão do Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara, à rua Ana Neri, 152, um grande ato público em comemoração ao 8.º aniversário do 26 de Julho, data que marcou o início da luta armada contra o tirano Batista.

A PROPÓSITO da comemoração do feito, a Comissão divulgou um manifesto ao povo brasileiro cuja íntegra é a seguinte:

A 26 de julho comemoramos o 8.º aniversário do ataque ao Quartel de Moncada. Em 1953, naquela data, sob a firme chefia de Fidel Castro, jovens patriotas, com coragem e determinação, lutaram com suas armas contra a tirania de Batista, a fim de libertar Cuba do domínio do imperialismo norte-americano, da fome e do subdesenvolvimento econômico.

O EPISÓDIO de Moncada simboliza o espírito revolucionário e indomito de um povo espoliado. Desde então, trilhando por um difícil caminho, as forças revolucionárias jamais esmoreceram e alcançaram a vitória total contra os inimigos de Cuba. A Revolução acabou com o latifúndio e deu terra a mais de cem mil agricultores. Transformou os quar-

téis em escolas e construiu mais de 15 mil salas de aula. Cada inquilino tornou-se dono da casa onde morava e dezenas de milhares de novos prédios foram construídos para os trabalhadores. O desemprego foi liquidado e ainda este ano o analfabetismo será completamente erradicado na maior ilha das Antilhas.

A DEFESA destas grandiosas realizações é uma tarefa não só dos cubanos, mas de todos os povos da América Latina. A Revolução Cubana abriu novos caminhos para os povos latino-americanos, suas conquistas são também um patrimônio do povo brasileiro que enfrenta o mesmo inimigo e luta pela mesma liberdade econômica. Mas, o povo cubano resolveu. A magnífica obra de renovação realizada no mais importante país do Caribe desperta fé e desespero dos tristes estrangeiros e dos beneficiários do antigo regime. Daí as pernicentes conspirações e subversivas agressões inspiradas e organizadas pelos imperialistas norte-americanos contra Cuba, visando aniquilar as transcendentes conquistas alcançadas por aquela gloriosa nação.

E' INDISPENSÁVEL unir esforços para que triunfe plenamente no con-

tinente americano tão importante experiência. O povo cubano tem o direito inalienável de ser senhor de seu futuro. Qualquer intromissão estrangeira em Cuba é uma intervenção indolita, ferida o sagrado princípio da autodeterminação. Por esta razão, os patriotas brasileiros manifestam seu apoio à política do governo do sr. Jânio Quadros ao defender a autodeterminação do povo cubano, a prerrogativa dos compatriotas de Fidel Castro de organizarem sua vida como julgarem mais conveniente.

A COMISSÃO Brasileira de Solidariedade ao Povo Cubano apela para os patriotas, democratas e todos os defensores do princípio de autodeterminação para que compreendam o sentido profundo da luta do povo brasileiro não permitirá que o governo participe de qualquer ação que possa prejudicar as conquistas da revolução cubana.

A PRESSÃO dos imperialistas norte-americanos para que o Brasil intervenha nos negócios internos daquele país amigo, é preciso responder com ações populares, comícios, palestras e conferências de protesto contra esta política intervencionista. A Comissão Brasileira de Solidariedade ao Povo Cubano José de Castro - presidente.

A POLÍCIA de São Paulo "descobriu" um "espião comunista". Um indivíduo de nome Joseph Werner Lieb, alemão e funcionário da agência de publicidade "Abs-set", de propriedade de um tal Vladimir Lundzensky, presidente da SEL, entidade especializada na divulgação de publicações anticomunistas.

APESAR da cobertura que a imprensa "sadia" lhe vem dando, a farsa da polícia paulista caiu no vazio. Na 3a. página NR conta a verdadeira história desse espião de encomenda. Na foto ao lado, diligentes mãos da polícia mostram as espúrias contendo microfones que teriam sido apreendidos em poder do "espião".

AS MASSAS trabalhadoras de todo o país continuam sendo duramente atingidas pela chamada política de austeridade do governo do sr. Jânio Quadros. Além da elevação brutal do custo de vida verificada nestes últimos meses, os cortes nas despesas orçamentárias de inúmeras autarquias e a retração dos créditos vêm determinando o crescimento da onda de desemprego, que ameaça assumir proporções imprevisíveis. O Lóide Brasileiro lançou centenas de trabalhadores na rua, a pretexto de economia, embora necessite dos serviços desses operários. A Rede Ferroviária Federal, enquadrada no plano de "austeridade" pretende extinguir algumas empresas ferroviárias e inúmeros ramais que considera deficitários, pretensão que se levada à prática, determinará o desemprego de milhares de ferroviários. Compreendendo o sentido desastroso dessa política, as massas trabalhadoras, através de suas entidades sindicais, mobilizam-se para derrotar essa política intervencionista do governo, e pedir, pelo menos, o direito à vida e ao trabalho. Leia reportagem na 2.ª página.

KONG LE FALA DE SUA VIDA

7.ª página.

Polícia Paulista Forja um Espião



Gina beija Gagárin



A FAMOSA artista de cinema Gina Lolobrigida acaba de visitar a União Soviética, participando do II Festival Internacional de Cinema realizado em Moscou. Como era natural, Gina fez grande sucesso, destacando-se pela sua simpatia e comunicabilidade. Concedeu milhares de autógrafos a seus fãs soviéticos. E conquistou um fim de renome tão universal como ela própria: Yuri Gagarin.

Durante uma entrevista concedida à imprensa soviética e estrangeira sobre sua recente visita à Grã-Bretanha, a primeira cosmonauta do mundo encontrou-se com a notável artista italiana. Estabeleceu-se então entre os dois este vivo diálogo que os jornalistas não perderam tempo em transmitir ao mundo:

Gagárin — As estrelas estão muito distantes... Gina — Mas eu sou uma estrela e pode-se chegar até onde estou.

Gagárin — Você é a primeira estrela de quem chego tão perto.

Gina — Você é um homem estupendo! (E o beijou ardentemente na face).

Gagárin — E você é ótima atriz e uma mulher muito bonita.

Gina — Você se sente melhor na terra ou lá em cima, no cosmo?

Gagárin — A Terra é melhor. Eu sou um homem que pertence a ela.

Na 4.ª página, continuamos a publicar a vida de Gagárin, contada por ele mesmo.

Reforma Agrária em Goiás

FORMOSO, pequena localidade do interior de Goiás, tornou-se famosa nos anos de 1956 e 58, quando explodiu uma violenta luta pela posse de terras. A polícia militar interveio com toda a ferocidade com que age sempre em ocasiões idênticas. Os possesores resistiram de armas nas mãos. Depois, o silêncio caiu sobre a zona de Formoso. A quem caberia a vitória final? Teria terminado realmente a luta? Que era de Ze Porfirio, (foto ao lado), o líder dos possesores, cujo nome repercutiu no auge da luta? Estas e outras perguntas serão respondidas numa série de reportagens do enviado especial de NOVOS RUMOS a zona de Formoso: Rui Faço. Iniciamos neste número a publicação desses relatos. Leia na 8a. página.

A Batalha do Reatamento Orlando Bomfim Jr.

A VISITA da delegação soviética que se encontra no país pode significar mais um passo no sentido do reatamento de relações diplomáticas do Brasil com a URSS. Trata-se, por isso mesmo, de acontecimento que nosso povo tem justas razões para saudar, aplaudindo-o e, concomitantemente, empenhando-se com mais afinco no esforço pela conquista daquele objetivo.

MANIFESTA-SE às vezes, até nos arraiais nacionalistas, a opinião de que a política externa do governo, no que se refere aos países socialistas e ao problema cubano, tem o conteúdo de pura mistificação. Significaria apenas uma manobra para ludibriar os setores patrióticos, mais particularmente as forças de esquerda, há muito engajadas na batalha para libertar o Brasil da aviltante tutela do Departamento de Estado. Atrás de tudo se ocultariam maquiavélicas intenções do sr. Jânio Quadros.

DEBÉ e adágio que de boas intenções está cheio o inferno. Deverá, naturalmente, estar mais cheio ainda de más intenções... Não é o caso, porém, de se fazer grande questão de especulações sobre o que possa na cabeça do presidente da República. Fatos não faltam. E eles aí estão com toda a força da realidade.

SERIA sem dúvida um erro ver apenas os aspectos positivos da política externa do governo e exagerá-los, isolando-os dos demais e exclusivamente por eles se guiando. A opinião dos comunistas sobre a orientação, apreciada no seu conjunto, da política externa seguida pelo Itamarati tem sido dita e repetida. Aliás, não se torna necessário grande perspicácia para chegar a conclusões, pois o sr. Jânio Quadros, procurando embora vesti-la com roupagens novas, ao apresentá-la como independente, é o primeiro a reafirmar obediência (assim fez na Mensagem ao Congresso e em diversas outras oportunidades) a compromissos com o governo de Washington que constituem exatamente um cerceamento da nossa soberania. E, mais do que suas palavras, aí está sua ação, aí estão os acordos Moreira Sales e Roberto Campos, os entendimentos com os governos da Argentina e do Chile, o apoio ao tirano Stroessner e ao selvagem colonialismo salazarista, e com Kennedy que o sr. Celso Furtado está negociando o desfilio do Nordeste e para a nossa embaixada nos Estados Unidos foi escolhido a dedo um entreguista da estatura do sr. Roberto Campos.

MAS, será igualmente um erro desconhecer ou desprezar atos positivos do governo. Interessa ou não ao nosso povo a normalização de relações diplomáticas e comerciais com os países socialistas? Interessa ou não ao nosso povo a defesa da revolução cubana? Claro que sim. Não indagamos, neste comentário, as razões que levam o governo a agir nesse sentido. O que interessa é o que faz e não apenas o que pensa. E não se trata de ficar caminhando atrás do sr. Jânio Quadros, batendo palmas ao que está certo e vaiando o que está errado. Seria um equívoco tão pernicioso como o do adesismo oportunista ou o da oposição sistemática. O caminho a seguir é o de uma orientação independente e não caudatária. Já foi apresentado pelos comunistas um conjunto de soluções para os problemas nacionais, capaz de unificar, na luta pela sua concretização, as forças democráticas e nacionalistas. Esta é a bússola orientadora. E ela aponta para o Norte da completa emancipação econômica e política de nossa pátria.

O ESTABELECIMENTO de relações diplomáticas com a União Soviética, com a República Popular da China, com todos os países socialistas corresponde aos interesses da luta emancipadora de nosso povo. A vinda da delegação soviética de boa vontade deve por isso mesmo ser motivo de júbilo e aplausos de todos os democratas e patriotas. Deve, além disso, transformar-se em fator de estímulo a que se intensifiquem, por todas as formas, as ações tendentes a aqueles objetivos. E esse empenho não se esgotará diante de atos formais do governo, reabrindo normalizadas, mas deverá avançar no rumo da efetiva normalização das relações e do crescente estreitamento de nossos vínculos com o mundo socialista. Mesmo porque a experiência está mostrando — o exemplo da missão Dantas é bastante expressivo — que o imperialismo e seus agentes não esmorecem, tudo fazendo para impedir que o Brasil avance nesse terreno. E uma batalha que se trava e que deve ser ganha pelo nosso povo. A última palavra estará, inevitavelmente, com as grandes massas. E aos comunistas cabe sem dúvida a responsabilidade de saber agir com a consciência de seu papel de força que esclarece, unifica e mobiliza.

Almir Matos e Renato Lucas em Tarde de Autógrafos

SERÃO entregues ao público, amanhã, dia 21, em festivo lançamento na Livraria São José (rua São José, 38), o livro de contos de Renato Mazze Lucas, «Anum Banco e Outros Contos», e a segunda edição de «Cuba: a Revolução na América»,

de Almir Matos, ambos publicados pela Editorial Vitória. O ato será realizado às 17 horas, com a presença dos autores, que concederão autógrafos aos interessados.

A PRIMEIRA edição de «Cuba: a Revolução na

América» esgotou-se em menos de dois meses, constituindo um recorde de venda em na história da Editorial Vitória. Foi colocado em terceiro lugar, na lista de best-sellers nacionais, fornecida pelo jornal «O Globo», em relação à última quinzena,



COMISSÃO MISTA BRASIL-ESTADOS UNIDOS RECOMENDA...

Jânio Quadros Quer Extinguir Diversos Ramais Ferroviários: Desemprego em Massa à Vista

O Conselho de Representantes da Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários reuniu-se na primeira quinzena do corrente mes, quando examinou alguns dos problemas com que se defrontam os 100 mil trabalhadores que representam em todo o país. Um desses problemas é o do desemprego, que os ameaça atingir em larga escala se o governo levar à prática as sugestões do Grupo de Trabalho que optou pela extinção pura e simples de inúmeros ramais ferroviários e até mesmo de ferrovias inteiras, consideradas deficitárias.

O DEBATE

Os líderes ferroviários debateram demoradamente a questão e concluíram pela necessidade de uma campanha nacional de grande envergadura, capaz de impedir a extinção dos ramais ferroviários, a fim de evitar duas consequências trágicas para os trabalhadores e para a própria economia nacional: 1) o desemprego em massa de milhares de trabalhadores, ferroviários ou não, que desenvolvem atividades nas linhas que se pretende extinguir; 2) o maior atraso nas regiões atualmente servidas pelos

ramais chamados deficitários, regiões que, perdendo o seu principal meio de transporte, que é o ferroviário, ficarão irremediavelmente incapacitadas para se recuperar economicamente, uma vez que não dispõem mais de meios para escoar a sua produção para os centros consumidores.

POLÍTICA DOS MONOPÓLIOS

Os ferroviários examinaram outros ângulos da questão, e concluíram que o Grupo de Trabalho nomeado pelo presidente da República para estudar a situação das ferrovias nacionais não

deve mais que repetir as sugestões da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, sugestões que refletem apenas os interesses dos grupos que exploram a indústria de material rodoviário, inclusive a de automóveis e caminhões.

O debate revelou que os monopólios da indústria de material rodoviário tem todo o interesse em liquidar o transporte ferroviário. O fato se explica porque a indústria de material rodoviário, inclusive a de vagões, se desenvolve em bases nacionais, enquanto que a de material rodoviário cresce em mãos de empresas estrangeiras. Nesse sentido, o documento apresentado na reunião pelo Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina salienta que: "a política ferroviária em nosso país foi sempre orientada em função de interesses outros, fazendo com que as dotações orçamentárias se voltassem preferencialmente para o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, em detrimento do Departamento Nacional de Estradas de Ferro, possibilitando a construção de rodovias paralelas às ferrovias pioneiras, originando, assim, uma concorrência desleal e impatriótica."



A MESA
Na foto vemos aspecto da mesa e parte dos numerosos delegados fraternais de outros países, presentes ao Congresso da Confederação Geral do Trabalho, realizado recentemente em Paris. À esquerda, na segunda fila, vemos os dirigentes sindicais bancários Geraldo Magalhães e Antônio Pereira da Silva Filho.

O Congresso da CGT Francesa e a Unidade do Proletariado

Antônio Pereira da Silva Filho
Dirigente Sindical Bancário

O 28º Congresso da CGT (Confederação Geral do Trabalho da França), realizado no período de 28 de maio a 2 de junho último, foi, sem dúvida, um dos mais importantes acontecimentos da vida sindical francesa e, por que não dizer, do movimento sindical mundial. Tão importante porquanto a CGT, além de ser a maior expressão do movimento sindical francês, é ainda uma das organizações que mais têm contribuído para a unidade do movimento sindical mundial e para impulsionar as grandes lutas da classe operária contra a exploração capitalista, a luta pelos direitos sindicais e as liberdades democráticas, pela salvaguarda da paz, contra o colonialismo e o fascismo.

Durante os seis dias que permanecemos em Ivry, Paris, reunidos em um grande ginásio, num clima de entusiasmo e confiança, assistimos aos 1500 delegados, representando 7 000 sindicatos e 1 700 000 sindicalizados, transmitirem aquele grande auditório as suas valiosas experiências sobre as lutas desenvolvidas nas grandes e pequenas empresas.

No transcorrer de todo o Congresso, o que mais sentimos de perto, através das intervenções dos vários delegados, operários ou operárias, foi o desejo de se construir a unidade do movimento sindical. Os trabalhadores sabem, pela própria experiência de suas lutas, que a unidade da classe operária é a principal condição para assegurar o sucesso de suas lutas reivindicatórias. Malgrado a política divisionista dos dirigentes das outras centrais sindicais (FO e CFTC), a CGT, através de uma orientação segura, baseada nos interesses fundamentais da classe operária, tem sabido conduzir o operariado francês a movimentos vitoriosos contra a reação patronal e as violências do governo gaullista contra o movimento sindical.

As intervenções demonstraram também a preocupação constante dos delegados quanto ao agravamento das condições de vida e de trabalho da classe operária, e a disposição de luta pela conquista de suas mais sentidas reivindicações. Nesse sentido, foi sublinhada a influência da CGT junto às massas trabalhadoras, sua justa orientação ao realçar a importância vital que tem a unidade do movimento sindical para a elevação do nível de vida dos trabalhadores, a melhoria de suas condições de trabalho e a defesa das liberdades e dos direitos sindicais.

Outro ponto de grande importância do Congresso, e que demonstra a maturidade política e o elevado espírito internacionalista do operariado francês, foi a sua posição firme com relação à guerra na Argélia. Todos os oradores reafirmaram a solidariedade e o apoio de suas entidades aos trabalhadores e ao povo argelino na luta pela sua independência nacional. A CGT reafirmou sua posição corajosa de combate ao colonialismo. Ao se pronunciarem vigorosamente contra a guerra colonial, que

causou ao povo argelino mais de um milhão de vítimas, os trabalhadores franceses compreendem que cabe a eles, mais do que a ninguém, estar nas primeiras filas da luta para impor de imediato a paz na Argélia e barrar o caminho ao fascismo.

O 33º Congresso debateram outras questões fundamentais que constituem as reivindicações urgentes dos trabalhadores da França entre as quais destacamos as seguintes: aumento geral dos salários; assistência médica; pensões e aposentadorias; redução das horas de trabalho e o retorno da aplicação integral da lei das 40 horas de trabalho sem redução dos salários; quatro semanas de férias remuneradas; aposentadoria aos 60 anos para os homens e aos 55 anos para as mulheres; habitação; a defesa das liberdades democráticas; a paz na Argélia; o desarmamento geral; o restabelecimento e ampliação da democracia; a nacionalização dos monopólios e a democratização da direção e administração das empresas nacionalizadas.

O 33º Congresso da CGT, de ponta a ponta, colocou praticamente em dia os vários aspectos da vida difícil dos trabalhadores. Foi a reafirmação pujante da disposição de luta da classe operária francesa por melhores condições de vida. Cada intervenção havia, seja da representante têxtil de Lille ou do representante metalúrgico do Norte, nada mais foi que um balanço vivo das grandes lutas do operariado francês, cujas experiências certamente virão a enriquecer o patrimônio glorioso de lutas do movimento sindical mundial.

Marítimos Farão a Marcha da Fome

Centenas de trabalhadores marítimos desempregados do Lóide Brasileiro estão decididos a realizar uma marcha da fome pelas ruas da cidade, rumo ao Ministério da Viação, para exigir o emprego que o presidente da República lhes prometeu.

Os trabalhadores, na maioria taifeiros, moços, marinheiros e foguistas da marinha mercante, foram dispensados em março do corrente, logo após a publicação do decreto do presidente Jânio Quadros mandando dispensar todos os servidores admitidos a partir de setembro de 1960.

O GOLPE

Utilizando-se do decreto presidencial, as autarquias marítimas deram o golpe nos trabalhadores, demitindo funcionários com mais de 3 e 4 anos de casa. Desse modo, milhares de marítimos, admitidos muito antes de setembro de 1960, encontraram-se desempregados, passando as maiores privações.

O presidente da República assegurou a uma comissão de líderes sindicais que todos os desempregados das autarquias marítimas seriam readmitidos no dia 29 de junho passado. Dia dos Marítimos. No dia 3 de julho corrente, novamente solicitado pelos líderes da classe, o sr. Jânio Quadros endereçou um dos seus bilhetinhos ao Ministro da Viação, mandando que fosse providenciada a readmissão dos trabalhadores, a contar do dia 29 de junho, conforme promessa feita aos marítimos.

READMISSÃO PARCIAL

Embora tenham sido readmitidos os operários da Costeira e o pessoal do escritório do Lóide, os marinheiros, os foguistas, moços e taifeiros do Lóide continuam desempregados. Nesse caso está o ex-combatente da Marinha de Guerra, Eronides de Sousa, lançado à rua quando já trabalhava há mais de um ano no Lóide, estando, portanto, fora do limite do decreto que mandou dispensar apenas os admitidos a partir de setembro de 1960. O taifeiro Luiz Marques da Fonseca, com 4 anos de casa, Luiz é um homem de 46 anos e tem 10 filhos para sustentar. Há quatro meses que não ganha um tostão. Sebastião Alves Abrantes é uma outra das centenas de vítimas da

Defende Teu Direito
B. Calheiros Bonfim

ABANDONO DE EMPREGO — O pedido de reconsideração de "alta" fornecida por instituição de previdência social, sem que o empregado disso dê aviso ao empregador, não justifica a sua ausência ao trabalho, caracterizando o abandono de emprego. Ac. TST, 2ª Turma (Proc. 2 944/60), Relator Ministro Amaro Barreto.

DIRIGENTE SINDICAL — A decisão recorrida adotou a tese de que não exerce funções de gestão sindical, para o fim de gozar das vantagens do artigo 513 da Consolidação, o tesoureiro, com atribuições limitadas a recebimento e pagamento. — Embargos recebidos. Empregado eleito para cargo sindical, ainda que exerça apenas as funções de tesoureiro, fica equiparado ao empregado estável, para todos os efeitos legais. Ac. TST, Tribunal Pleno (Proc. 3 033/58), Relator Ministro Luiz A. França.

GREVE — Como bem acentuou o acordão embargado, apurou a Justiça do Trabalho que a operária não se apresentou ao serviço, durante o movimento grevista ilegal, por manifesta impossibilidade de o fazer sem graves riscos para a sua pessoa. Não praticou falta que justifique a despedida ou mesmo pena menor. Ac. STF — Pleno (Rec. ext. emb. 32 438), Relator Ministro Gonçalves de Oliveira, publicado em audiência de 3-4-1961.

HABITAÇÃO — Não pode o empregador, que fornecia habitação gratuitamente num autêntico comodato, passar a descontar do salário do empregado o respectivo valor após a majoração do salário-mínimo. Ac. TST — Tribunal Pleno (Proc. 3 691/59), Relator Ministro Dello Maranhão.

TRABALHADOR RURAL — O salário-mínimo é fixado em função da jornada normal de oito horas. Portanto, se o trabalhador rural tem direito ao salário-mínimo, terá direito, necessariamente, ao pagamento das horas que excedam aquela jornada, sob pena de enriquecimento sem causa do empregador. Ac. TST, 2ª Turma (Proc. 3 658/60), Relator Ministro Dello Maranhão.

TRABALHO NOTURNO — Foi vitorioso na instância recorrida o ponto de vista de que o artigo 157, III, da Constituição, assegura maior remuneração ao trabalho noturno, sem as restrições do artigo 73 da Consolidação das Leis do Trabalho. — A disposição do artigo 73 da Consolidação, a respeito de salário noturno, no caso de reversão, está revogada pela Constituição, quando, sem discriminação nenhuma, estabelece que o trabalho noturno será remunerado com maior salário que o diurno. Ac. STF, 2ª Turma (Rec. ext. 45 585), Relator Ministro Gonçalves de Oliveira, publicado em audiência de 30-1-1961.

VESPERA DE ESTABILIDADE — A 3ª Turma entendeu ser sempre suspeita a dispensa do empregado após 9 anos de serviço, sem motivo ponderável, refletido tal ato, até prova em contrário, desejo do empregador de evitar a estabilidade, cabendo-lhe, em consequência, o ônus da indenização em dobro. — Embargos rejeitados. Inexistência de prova de justo motivo para a dispensa do empregado, que já se aproximava do decênio estabilizador, faz jus às reparações em dobro, na forma do artigo 499, parágrafo terceiro, da Consolidação. Ac. TST — Tribunal Pleno (Proc. 2 097/59), Relator Ministro Luiz França.

Orienta Mil Metalúrgicos na Batalha Salarial

Cerca de 80 mil trabalhadores metalúrgicos da Guanabara e dos vizinhos municípios fluminenses de Niterói, São Gonçalo, Nova Iguaçu, Meriti, Nilópolis, Caxias, Paracambi e Itaguaçu desenvolvem uma campanha conjunta pela conquista de um aumento salarial de 50%, a partir de 1º de agosto próximo.

A campanha é liderada por três sindicatos de metalúrgicos: o da Guanabara, o de Niterói e o de São Gonçalo. As bases para negociação do novo acordo salarial com os empregados foram aprovadas pelos trabalhadores, depois de amplamente debatidos em suas respectivas assembleias gerais. Embora considerando preterida a oportunidade para o estabelecimento de um pacto de ação comum, os metalúrgicos filiados aos três sindicatos deliberaram desenvolver juntos a campanha salarial, lutando pela conquista do seguinte acordo:

- 1) aumento salarial de 50%, a partir de 1º de agosto do corrente;
- 2) aumento de 20% para os operários beneficiados pelo atual salário mínimo;
- 3) pagamento do abono de natal na base de um mês de salário;
- 4) aumento de 5% para cada mês de trabalho dos empregados admitidos depois de 1º de agosto de 1960.

ASSEMBLEIA PERMANENTE

Os trabalhadores decidiram ficar em assembleia permanente até que seja firmado o novo acordo salarial. Os metalúrgicos cariocas, no próximo dia 21, realizarão a primeira sessão geral da sua assembleia permanente. Outras sessões parciais já foram realizadas nas sete delegacias sindicais, onde milhares de trabalhadores tomaram conhecimento do resultado da primeira assembleia reali-

PANÁPOLIS (S. PAULO)

Usineiros Derrotados Pagam Aumento de 20% de Indenização

Os patrões da "Usina Campestre", de Panópolis, em São Paulo, foram derrotados graças à ação unificada dos 200 trabalhadores, apoiados em sua luta pela Federação dos Trabalhadores na Indústria da Alimentação. Obtiveram os direitos que reivindicavam, e contra o reconhecimento dos quais os latifundiários e industriais do acúcar da "Usina Campestre" se manifestavam intransigentemente.

A vitória dos trabalhadores foi obtida após a ida à cidade de Panópolis de uma comissão integrada pelos dirigentes sindicais Luiz Teodoro de Lima, presidente

da Federação dos Trabalhadores na Indústria da Alimentação e Romildo Chianin, diretor da entidade, e dos inspetores do Trabalho Valtier Loureiro Colimbra e João Rosa Teodoro de Lima. O acordo foi obtido após dois dias de negociações e pelos seus termos os patrões se obrigaram a pagar aos trabalhadores as férias, horas extras e os salários de férias. O acordo determinou também aos patrões que pagassem as indenizações e outras compensações a que tinham direito 20 trabalhadores da Usina despedidos dias antes.

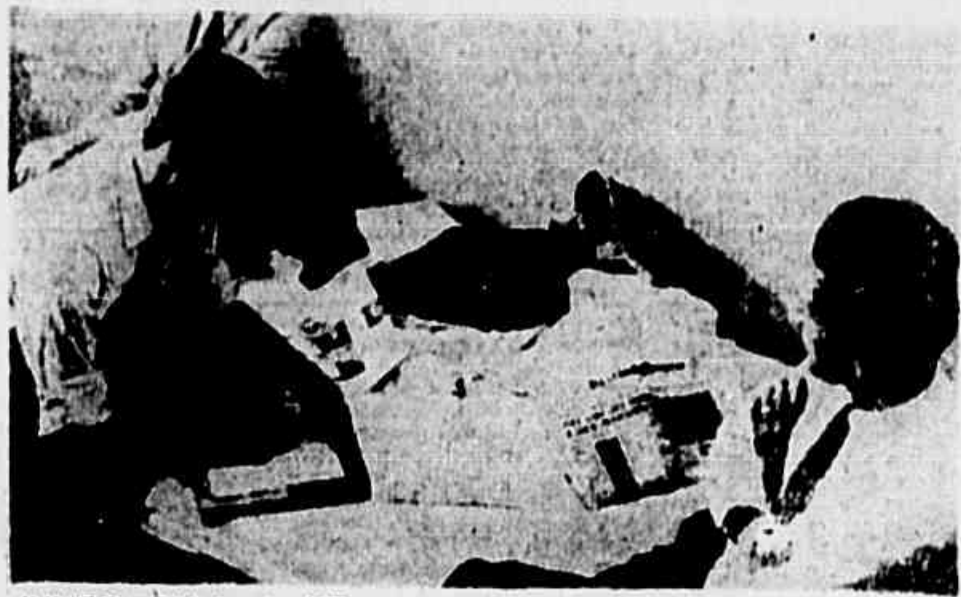
Os patrões também se comprometeram a pagar o aumento de 20% conquistado pelos trabalhadores da categoria em todo o Estado, a contar do dia 1º de maio do corrente ano.

Após a assinatura do acordo, na presença dos diretores da Federação e dos Inspectores do Trabalho, a empresa iniciou o pagamento do devido aos trabalhadores, assim como das indenizações aos despedidos.

VITÓRIA DA UNIDADE

A batalha dos trabalhadores de acúcar de Panópolis foi vitoriosa graças à unidade e à solidariedade do movimento sindical paulista que realizou intensa campanha junto às autoridades. Papel importante também desempenhou o deputado Luciano Lepera, que desde os primeiros momentos acompanhou a luta dos assalariados da "Usina Campestre", tendo sido vítima por causa disso de covarde agressão que provocou o mais vivo repúdio da Assembleia Legislativa e a adoção de medidas no sentido de fazer cessar a intranquilidade e a violência patronais que imperavam contra os trabalhadores daquele Estado, um dos quais, diretor do Sindicato, havia sido covardemente espancado.

DEPUTADO JULIÃO: NORDESTE ASSUSTA OS IMPERIALISTAS



JULIÃO FALA A NR

O deputado Francisco Julião conversa com o repórter de NOVOS RUMOS, vindo-se no segundo plano, à esquerda, o jornalista matogrossense Amorósio de Oliveira

POLÍCIA PAULISTA FORJA UM ESPÍÃO

SAO PAULO — Na sexta-feira, à tarde, a reportagem policial dos jornais de São Paulo foi mobilizada pelo DOPS. O pessoal do gabinete do delegado João Ranall...

SÓ FALOU PARA DEFENDER A POLÍCIA
O terrível espíão era um técnico de publicidade de nome Joseph Werner Lieben...

interrogou, segundo o delegado, durante 50 horas. DO SERVIÇO SECRETO DO PAÍS
As provas colhidas pela espertíssima polícia de São Paulo, os micro-filmes apresentados, as tabelas de códigos, as palavras de sentido combinado...

Mas isso eles estão cansados de fazer. Sempre que veem as coisas difíceis oferecem dinheiro, agremiações de quem tem medo. Agora vão dedicar alguns milhões ao Nordeste para tentar arrefecer a chama movimentação camponesa que há por nossas terras...

— Quando o repórter chegou ao apartamento do hotel onde o deputado Francisco Julião está hospedado, iam saindo jornalistas do "Time" e de "Life".
— Estão assustados — comentou o deputado. Querem a força saber se sou comunista, se posso vir a ser um novo Fidel Castro.

— A SUDENE vai receber dinheiro. O imperialismo está adotando outra tática, substituindo, onde pode, a coação física pelo suborno, embora nem por isso abandonem por completo as violências...

rio, bem amparado em suas ideias e discorre com facilidade e satisfação sobre os assuntos que conhece. No-sso fotografista saiu da entrevista entusiasmado ("O deputado tem muito valor. Suas atividades são um grande serviço ao Brasil").

— Os padres que atuam no Nordeste são mais avançados que os do Sul. Acreditam que por estarem mais perto da miséria, estão mais diretamente ligados a ela, e por sofrerem menor influência da imigração estrangeira e dos dinheiros que fluem apenas para o Sul...

— Quando o deputado deligou o telefone — entrevistado um tanto tumultuado, telefonemos a todo instante, muita gente em torno conversando, perguntando — e o repórter emendou — "deixa" para saber quais suas opiniões a respeito de São Paulo nessa visita recente.

SÃO PAULO E JÂNIO
Quando o deputado deligou o telefone — entrevistado um tanto tumultuado, telefonemos a todo instante, muita gente em torno conversando, perguntando — e o repórter emendou — "deixa" para saber quais suas opiniões...

— De pouco adiantaria — assegurou o deputado — pois as massas camponesas são analfabetas. Mesmo assim, editamos há algum tempo, em Vitória de Santo Antão, o jornal "Os Camponês". Durou pouco. O delegado achou que era subversivo e não deixou mais circular. Quem resolve o problema da divulgação das Ligas é o folclore. A tradicional transmissão oral dos violeiros e cantadores. Em qualquer parte podem-se ouvir as cantigas populares exaltando os feitos das Ligas...

TRAIDORES E DIVISIONISTAS

Geraldo Rodrigues dos Santos

Divisionistas e pelegos de toda espécie estão preparando para o fim desta semana uma reunião a que deram o título de "Encontro Interessantil do Sindicalismo Democrático". Trata-se, na realidade, de uma tentativa para unificar os esforços dos elementos mais ligados a embaixada norte-americana...

As Ligas e os Operários
As Ligas camponesas e Cuba são dois assuntos particularmente agradáveis para o deputado Francisco Julião. Afirmo acreditar firmemente na influência das atividades das ligas nos recentes acontecimentos no Sudoeste do Paraná...

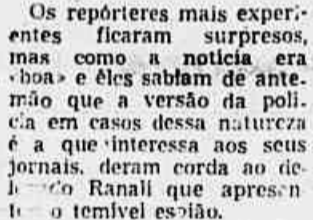
— As Ligas têm grande importância para unir os camponeses a os operários. Os camponeses têm que ser trazidos às cidades e para aprender nos colégios, a grande universidade do povo que não tem meios de se instruir no campo...

E contou o seguinte episódio:
— Foi convidado pelo sindicato dos têxteis de Moreira para fazer uma conferência sobre Cuba. O prefeito intimidou os operários, e na hora do ato a sala estava vazia. Foi buscar os camponeses do Galiléia e invadimos o sindicato...

Já havia agora outro jornalista estrangeiro no quarto, o repórter do "France-Sol". Fim de conversa, em torno de jornalismo, quisemos saber se as Ligas editavam algum jornal ou boletim.

— De pouco adiantaria — assegurou o deputado — pois as massas camponesas são analfabetas. Mesmo assim, editamos há algum tempo, em Vitória de Santo Antão, o jornal "Os Camponês". Durou pouco. O delegado achou que era subversivo e não deixou mais circular. Quem resolve o problema da divulgação das Ligas é o folclore...

O veto da reação
O governo do sr. Jânio Quadros escolheu como alvo o já sacrificado pequeno funcionário, para dar uma nova demonstração do seu caráter reacionário e antipopular. Ao responsabilizar-se pela rejeição pelo Senado do projeto de lei que estabelecia o horário corrido para o funcionalismo público, o governo quis mostrar que mantém a sua força...



Paulo Molta Lima

FORO DE RUMO

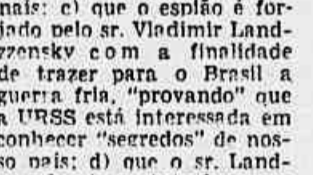
O XXIV Congresso Nacional de Estudantes, que se reúne em Niterói, sustenta uma posição nacionalista e de defesa da aliança dos estudantes com a classe operária...

É de inegável significação a atitude dos delegados das entidades estudantis brasileiras que se reúnem na capital fluminense. A aliança com a classe operária e a luta pela reforma agrária...

Tomando posição em prol do nacionalismo, da intensificação das relações do Brasil com o mundo-socialista, da autodeterminação dos povos, da reforma agrária e da reforma universitária...

Com efeito, não pode empunhar a bandeira do nacionalismo um governo que chega ao desprazer de mandar para Washington o sr. Roberto Campos...

Almir Matos na Bahia: Livro Faz Sucesso
O livro do nosso companheiro Almir Matos (Cuba): a revolução na América, já na segunda edição, apenas um mês depois de lançado...



Almir Matos na Bahia: Livro Faz Sucesso

Balana de Escritores, sr. Milton Santos, e o presidente do Tribunal de Contas, sr. Carlos Anibal Correia, além de inúmeros escritores e jornalistas.

— Quando o deputado deligou o telefone — entrevistado um tanto tumultuado, telefonemos a todo instante, muita gente em torno conversando, perguntando — e o repórter emendou — "deixa" para saber quais suas opiniões...

— Quando o deputado deligou o telefone — entrevistado um tanto tumultuado, telefonemos a todo instante, muita gente em torno conversando, perguntando — e o repórter emendou — "deixa" para saber quais suas opiniões...

— Quando o deputado deligou o telefone — entrevistado um tanto tumultuado, telefonemos a todo instante, muita gente em torno conversando, perguntando — e o repórter emendou — "deixa" para saber quais suas opiniões...

— Quando o deputado deligou o telefone — entrevistado um tanto tumultuado, telefonemos a todo instante, muita gente em torno conversando, perguntando — e o repórter emendou — "deixa" para saber quais suas opiniões...

TRABALHADORES NA CARRIS PROTESTAM CONTRA VIOLENCIAS

Cerca de 400 trabalhadores da Primeira Seção do Tráfego da Carris Urbanos do Rio de Janeiro acabam de enviar ao presidente da República um memorial de protesto...

RESOLUÇÃO POLITICA DA CONVENÇÃO NACIONAL DOS COMUNISTAS

Com o título acima acaba de sair o n. 2 dos Cadernos de NOVOS RUMOS. Contendo a resolução adotada pelos comunistas em sua convenção nacional...

RESOLUÇÃO POLITICA DA CONVENÇÃO NACIONAL DOS COMUNISTAS

Com o título acima acaba de sair o n. 2 dos Cadernos de NOVOS RUMOS. Contendo a resolução adotada pelos comunistas em sua convenção nacional...

Com o título acima acaba de sair o n. 2 dos Cadernos de NOVOS RUMOS. Contendo a resolução adotada pelos comunistas em sua convenção nacional...

22 DE JULHO-DATA NACIONAL DA POLÔNIA

Teoria e Prática

Apôlônio de Carvalho

O conteúdo da classe do socialismo

A ESTRUTURA AGRÁRIA DA POLÔNIA

Na atual estrutura agrária polonesa predominam as explorações agrícolas médias a que representa nitidamente o progresso em relação ao período anterior a guerra, caracterizado pela grande dispersão da propriedade camponesa.

A estrutura agrária de pré-guerra refletiu-se de maneira altamente expressiva nos seguintes dados: 75% de todas as explorações eram constituídas por propriedades de menos de 20 hectares; 55% do total das propriedades; em 1950, somente 15% das terras; as grandes latifúndios, que representavam 0,5% do conjunto das explorações agrícolas, abarçavam 46% do solo cultivável.

Em resultado disso, cerca de 2,5 milhões de famílias das zonas rurais eram constituídas em camponeses sem terra, ou proprietários de áreas minúsculas, e de pequenas cultivadoras; 15.000 famílias possuíam uma grande propriedade territorial.

Realizada imediatamente após o fim da guerra, a reforma agrária transformou o campo de modo radical. Em consequência dessa reforma a terra dos latifúndios foi repartida entre os camponeses. Além disso, mil-

hares de famílias receberam terras nas áreas ocidentais e setentrionais, recuperadas pela Polônia em 1945.

A reforma agrária e a colonização deram aos camponeses mais de 6 milhões de hectares de terra. Surgiram, assim, 814.000 explorações, novas e mais de 284 mil tiveram sua área aumentada, beneficiando-se da repartição das grandes propriedades latifundiárias. Elevou-se para 7 hectares, aproximadamente, a extensão média das explorações agrícolas. O alcance da reforma agrária refletiu-se no seguinte fato: das 3.170.000 explorações agrícolas existentes na Polónia, em 1950, mais de 33% eram constituídas por terras dotadas, total ou parcialmente, a seus proprietários, pela reforma agrária.

Este fato, e a afiliação da população rural para as cidades, a fim de trabalhar na indústria em rápido desenvolvimento, provocaram o aumento de 0,98 para 1,44 no índice de hectares por habitante, entre 1931 e 1958, ou seja, um crescimento de quase 50%.

A reforma agrária modificou radicalmente a estrutura da agricultura polonesa. A percentagem das propriedades médias no conjunto das explorações agrícolas aumentou de maneira notável. Os donos dessas explorações puderam auferir elevadas receitas realizando um cultivo de boa qualidade e graças ao emprego de fertilizantes artificiais. A produção oriunda dessas explorações proporciona, atualmente, grande parte dos produtos agrícolas, cuja procura cresceu muito na Polónia de hoje, em virtude do aumento acelerado das populações urbanas, provocado pela rápida expansão industrial.

Embora muito superior à existente no período entre as duas guerras, é evidente que a atual estrutura agrária limita as possibilidades do emprego de grandes máquinas na faina agrícola. Essa a razão que leva os camponeses a comprar máquinas e a cultivar a terra em comum, fenômeno que os prepara, social e organizativamente, para a criação de grandes explorações agrícolas coletivas.

O povo polonês celebra nesta data, solenemente, o marco da libertação e do renascimento do país.

Há dezesseis anos atrás neste dia, as tropas polonesas, ao lado do exército soviético, cruzaram as fronteiras da pátria e na primeira das localidades libertadas, a cidade de Cheim, foi organizado o primeiro Governo Popular, legítimo representante da Nação — o Comitê Polonês de Libertação Nacional.

O prosseguimento da luta implacável contra o nazismo, o amplo programa de reformas sociais, a volta às antigas terras polonesas das margens do Odra-Nysa foram alguns dos pontos principais do Manifesto dado a público no dia 22 de julho de 1944.

O Manifesto do primeiro Governo Popular instalado no país dava início à obra das modificações básicas no sentido da democracia e do socialismo. Tornou-se, este documento, o alicerce da reforma agrária e da liquidação do atraso e do analfabetismo, o ponto de partida da obra de reerguimento nacional, de industrialização e modernização da economia polonesa.

QUE CONSUMEM OS TRABALHADORES POLONESES

Há 16 anos que a Polónia é um Estado de operários e camponeses, um país que constrói o socialismo. Durante esse período, a fisionomia econômica do país mudou a ponto de tornar-se difícil de reconhecer-se, apesar das destruições causadas pela guerra. A produção industrial aumentou enormemente e outros ramos da economia apresentaram desenvolvimento de esta a esta. Graças a isso, o poder popular teve possibilidade de constante e gradualmente elevar o nível de vida dos trabalhadores. Isto se expressa, entre outras coisas, no considerável incremento do consumo médio per capita relativamente ao pré-guerra.

Tomemos os produtos básicos, os mais valiosos do ponto-de-vista alimentício. De 1933 a 1937, o consumo anual médio de açúcar foi de 10 kg/habitante, alcançando 30 kg em 1959; no mesmo período, o consumo per capita de carne e gorduras animais elevou-se de 28 para 48 kg, e de leite e laticínios, de 271 para 371 litros.

A Polónia burguesa de antes da guerra estava mais ou menos no mesmo nível que a Grécia. O padrão de consumo dos principais produtos alimentares (com exceção do leite) na Grécia era mais ou menos semelhante ao da Polónia. Como é sabido, depois da Guerra a Grécia continuou a ser um Estado capitalista, enquanto a Polónia ingressou no caminho do socialismo. Comparem: enquanto na Polónia o consumo médio de açúcar por habitante aumentou de 20 kgs, na Grécia, cresceu apenas 1 kg; quanto ao leite, o crescimento na Polónia alcançou 100 litros e na Grécia (cujo consumo era muito menor) só 15 litros; o aumento do consumo médio de carne foi de 26 e 1 kg, respectivamente.

Reduziu-se consideravelmente, e em alguns casos foi totalmente liquidada, a enorme distância que, antes da guerra, separava os níveis de consumo na Polónia e nos países economicamente desenvolvidos. Assim, por exemplo, antes da guerra, cada polonês consumia apenas 38% do açúcar que tomava a um alemão, 41,5 do que consumia um francês e só 22,5% do que gastava um sueco. Em 1959, o consumo de açúcar por habitante na Polónia, já era igual ao francês, 35% superior ao da República Federal Alemã e 75% do sueco. Na década de 30, o consumo médio de carne por habitante era, na Polónia, equivalente a 51,5 do tchecoslovaco, 34,5% do sueco e 32% do alemão. Em 1959, o consumo polonês elevou-se a 80% do tchecoslovaco e a 77% do consumo na Alemanha e na Suécia.

Convém destacar que na Polónia Popular desapareceu o consumo desmedido e parasitário da burguesia de modo que o consumo dos trabalhadores e camponeses elevou-se ainda mais acentuadamente do que pode parecer pela simples comparação daquelas cifras. Na Polónia moderna apagaram-se também as diferenças de consumo entre a cidade e o campo, muito marcadas na época da dominação burguesa.

A POLÓNIA NO CAMINHO DA INDUSTRIALIZAÇÃO

É indubitável que a industrialização figura na vanguarda das realizações econômicas da Polónia Popular. Apesar das destruições sem precedente causadas pela guerra a Polónia pediu na II Guerra Mundial 38% de seu patrimônio nacional, o poder popular, com o apoio das massas de trabalhadores e graças ao espírito de sacrifício destas, conseguiu transformar, em curto lapso de tempo, o atrasado país agrário em nação industrial-agrária, no qual a indústria conquista a cada ano posição mais saliente.

Isto exigiu grande esforço de todo o povo, mas foi recompensado com juros. Nos 15 anos decorridos edificaram-se na Polónia, desde seus alicerces, 250 empresas e combinados industriais básicos, reconstruíram-se 150 fábricas totalmente destruídas pela guerra e mais de 500 passaram por ampliações de tal monta que sua capacidade produtiva aumentou várias vezes. Foram consideravelmente ampliados os ramos industriais tradicionalmente existentes na Polónia — indústria hulfífera, siderúrgica, mecânica, de materiais de construção, têxtil e alimentícia. Independentemente de tudo isso, criaram-se ramos industriais totalmente novos, desconhecidos na Polónia capitalista, quais sejam: ótica de precisão, aeronáutica, automobilística, construção naval, construção de turbinas elétricas, química pesada, etc.

A produção industrial global da Polónia alcançou, em 1959, nível quase 7 vezes maior que o de 1937 (oitto vezes, se o cálculo for feito por habitante). Graças a isto, a Polónia, que antes da guerra era um país com nível de industrialização inferior à média mundial (em cerca de 30%), alcançou hoje um grau de industrialização quase 2 vezes superior à média mundial.

A industrialização do país em bases socialistas permitiu a solução de muitos dos problemas econômicos e sociais mais candentes, problemas que a Polónia capitalista não pôde resolver. Desapareceu o desemprego forçado nas cidades, ao mesmo tempo que o constante aumento do nível de ocupa-

ção na indústria e em outros ramos da economia, exercitada a agricultura, alviou a superprodução rural. Em 1959 trabalharam na indústria quase 3 milhões de pessoas, cifra que representa mais de 10% da população da Polónia, ao passo que em 1937 esse número não era superior a 860 mil, isto é, não mais que 2,5% dos habitantes do país. Sem contar a agricultura, o número de empregados ultrapassa 7,5 milhões de pessoas (em 1931 não atingia a 2,8 milhões). É isto um claro testemunho das enormes transformações que se produziram entre as massas trabalhadoras, do grande processo de passagem do trabalho no campo para o trabalho em outros ramos da economia, o que significa mudança de profissão e aquisição de elevadas qualificações, assim como melhoria das condições de vida.

Se em 1931 a agricultura sustentava a 60% dos habitantes da Polónia, em 1959 esta proporção não alcança 42,43%.

De 1961 a 1965 — anos da realização do novo plano quinquenal — a indústria polonesa deverá aumentar de 52% relativamente a 1960. Durante o quinquênio serão construídas 200 fábricas importantes e 700 outras serão ampliadas e modernizadas. Na Polónia não falta trabalho para ninguém, apesar do acelerado crescimento demográfico registrado desde o término do conflito. A incessante expansão da indústria assegura o progresso técnico dos outros ramos da economia, bem como condições de vida cada vez melhores para todos os cidadãos.

MISSÃO JOÃO DANTAS

Bancários de Garanhuns, no Estado de Pernambuco, enviaram telegrama ao presidente Jânio Quadros em que solicita firme apoio aos acordos firmados pela Missão Dantas nos países socialistas e manifesta sua inteira solidariedade à política de defesa de autodeterminação dos povos e pelo restabelecimento de relações com todos os países.

NOVOS RUMOS

Diretor: Mário Alves
Diretor Executivo: Orlando Bonfim Júnior
Redator chefe: Frazeron Borges
Gerente: Guttemberg Cavalcanti
Redação: Av. Rio Branco 237, 13º andar, S/1112 — Tel: 42-7344
Circulação: Av. Rio Branco 237, 9º andar, S/968
CURSAL DE S. PAULO Rua 15 de Novembro, 278, 8º andar — S/3127
Tel: 57-3344
Endereço telegráfico: "NOVORUMOS"

ASSINATURAS
Anual Cr\$ 500,00
Semestral 250,00
Trimestral 130,00
Área anual, mais 200,00
Área semestral, mais 100,00
Área trimestral, mais 50,00
Número avulso 10,00
Número atrasado 16,00

NR ROMANCE

Iuri Gagarin

MINHA VIDA E MEU VÔO AO COSMO

Tradução de Rui FACÓ
Ilustrações de MAX

61

Eu também me tornara soldado. E me sentia bem, acomodado à seção, à formação, à ordem, aos informes em situação "tranquila", às canções de soldados, e à voz forte e prolongada do oficial-de-dia: Agradava-me a ginástica, tomar banhos em água gelada, fazer a cama, e as saídas da caserna ao refeitório, para o desjejum.

Passávamos muito tempo em vôos, no campo de tiros, e às vezes voltávamos à caserna molhados até a alma, de chuva e neve. Os olhos fechavam-se de cansaço, nosso desejo era dormir logo, mas era preciso ainda limpar e engraxar a carabina, por em ordem o equipamento. Quando fizemos tudo isto, então receberia do chefe um — "está bem"... Inicialmente, não nos sobrava tempo nem para ler um livro, nem escrever uma carta para casa. Mas gradualmente a vida organizada da caserna nos ensinava a saber aproveitar cada minuto, e nos tornamos mais amigos, mais destros, fortalecemo-nos física e espiritualmente.

O dia 8 de janeiro de 1956 ficou para sempre gravado em minha memória. No pátio, atrás das janelas, tudo estava gelado, de vez em quando as árvores estalavam, a neve ofuscava como espinho, o sol brilhava. Todos os jovens alunos estavam reunidos na grande sala da escola. Cada um, de armas nas mãos, saía de ordem, postava-se em frente aos camaradas e ao comandante e lia em voz alta as palavras do juramento militar. Um dos primeiros, pela ordem alfabética, a apresentar-se fui eu, e, dominando a emoção, pronunciei as palavras:

— Eu, cidadão da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas...

Ao levantar a cabeça, vi que à minha frente, na parede, olhava-me Lênin. Sempre me haviam ensinado — na escola, na organização dos pioneiros, no Comsomol: se a vida toda e em tudo como Vladimir Ilitch... E agora nós jurávamos fidelidade

62

ao povo, ao Partido Comunista, à Pátria, e era como se Lênin estivesse ouvindo nosso compromisso de soldados: de sermos honrados, valentes, disciplinados, convictos, de guardarmos severamente os segredos militares e do Estado, cumprir incondicionalmente todos os estatutos militares e as ordens dos comandantes e dos chefes. Cada um de nós jurava defender viril e corajosamente a Pátria, com dignidade e honradez, não poupando o próprio sangue, a própria vida para alcançar a completa vitória sobre o inimigo.

Juramento! Forte e grande palavra. Nela está expresso o amor do homem soviético para com sua Pátria socialista. O juramento conduziu à batalha nossos pais e irmãos, deu-lhes forças na luta encarniçada contra o inimigo e sempre os levou à vitória.

Toda a minha vida passava diante de meus olhos. Eu me via escolar, quando me deram o lenço de pioneiro, depois aluno da escola oficial, quando recebi o bilhete do Comsomol, depois estudante de curso superior, com os livros de Lênin nas mãos, e agora combatente — tenho junto a mim a minha arma... O país confluía-me esta arma e é necessário ser digno desta confiança. Desde este dia tornamo-nos sentinelas da Pátria.

Escrevi para casa sobre o acontecimento solene que fora o juramento militar, partilhando os sentimentos com meus pais. Todos os alunos se encantavam de ânimo elevado. Iniciamos com entusiasmo o estudo das matérias teóricas. Desde as primeiras aulas agradaram-nos as lições das classes da parte material e da teoria do vôo, ministradas pelo tenente-coronel engenheiro Kondor. Um mundo absolutamente novo e interessantíssimo era descortinado para nós pelo professor de física, o capitão Románov, homem de vistosa cabeça crespa, semelhante à de Púchkin. De vez que até então conhecíamos apenas de referência a fórmula do combate

63

aéreo — "altura, velocidade, manobra, fogo", que haviam elaborado e aplicado os pilotos da esquadrilha de Alexandre Pokrichkin durante as notáveis batalhas no Kuban, sobre os golpes de assalto de Talgal Bequedínov, duas vezes decorado como Herói da União Soviética, sobre as ações dos bombardeiros em piqué do general Ivan Polbin — agora como eram vivas as aulas do capitão Románov, visualmente apresentadas nos esquemas com que ele ilustrava e completava as lições. Tivemos uma compreensão clara de como se deve travar o combate aéreo nas verticais e horizontais, aprendemos que enorme papel desempenha o vôo de vanguarda e o de observação. O combate aéreo contemporâneo foi-nos apresentado como um combate de grupo, onde cada avião é obrigado a apoiar seu camarada, onde de um fatores decisivos é a vontade coletiva de alcançar a vitória.

Depois das aulas de física aérea, habitualmente surgiam vivas discussões entre nós, alunos. Cada um de nós tinha seu próprio predileto. A um agradava Serguei Luganski, a outro, os irmãos Glink, a um terceiro, Piotr Pokrichv. Em resumo, cada um tinha o seu preferido. Interessava-nos conhecer a ação dos bombardeiros que tinham sobrevoado Berlim no primeiro ano da guerra, dos aviões de assalto que tinham atacado as colunas de tanques no arco de Kursk, assim como os vôos de observação a longa distância, de aviões isolados que tinham penetrado na retaguarda profunda do inimigo, e as tripulações do regimento feminino que haviam dado apoio ao desembarque no estreito de Kerch. Interessávamos também os que haviam lançado munição para os guerrilheiros na floresta de Briansk e nos Cárpacos.

— Mas tudo isto já é história, embora recente, mas história — diziam alguns alunos; agora a técnica é outra e os homens são outros...

64

O capitão Románov, comandante da escadrilha de céticos a esses alunos, pois os exemplos bem recentes da guerra na Coreia mostraram que na época de uma nova técnica aeronáutica — de aviões a jacto, de radar, de mais potentes armas dos aviões de caça — os fundamentos da física aeronáutica, elaborados de maneira criadora pelos aviadores soviéticos de vanguarda nos anos da Grande Guerra Patriótica, o estilo de ataque por eles adotado nas batalhas com o inimigo, seus princípios de apoio recíproco e muitos outros, próprios de nossos aviadores, não podiam ser postos de lado.

— A experiência de combate — dizia ele — foi adquirida com muito sangue. Aquilo que a nova técnica tornou antiquado, naturalmente, não devemos adotar. Mas o que pode ser útil para os aviões a jacto é necessário desenvolver.

Outros professores concitavam ao aperfeiçoamento criador de tudo o que já havia acumulado nossa aviação. Nas aulas de teoria dos múltiplos assuntos aeronáuticos eles nos ensinavam a não só estudar as noções e verdades já estabelecidas, mas também a pensar de maneira crítica, procurar, nos casos necessários, novas soluções. E embora, naturalmente, os "pensadores" entre nós não fossem famosos, pois apenas começávamos a tomar contacto com a aviação militar, e nem mesmo tínhamos ainda experimentado voar em aparelhos a jacto, o fato de os comandantes e mestres nos verem como seus substitutos era uma prova patente de que precisamente a nós, jovens aviadores, cabia fomentar o desenvolvimento da aviação pátria, e isto nos estimulava. E, conscientes de nosso futuro papel, queríamos estudar o melhor possível e o mais depressa possível dar conta da tarefa à qual nos tínhamos dedicado interamente.

Aproximava-se a primavera e, além das aulas de teoria, nossa esquadrilha iniciou os vôos de instru-

65

ção. Alegrou-nos as camaradas aos quais cabia voar primeiro. Quanto a nós, vindos de uma escola de aeroclube, lamentávamos: precisávamos voar novamente num IAK-18. É verdade que não sobre rodas, uma vez que ainda havia neve, mas dotados de esquis.

Não demoraram esses vôos. Recebemos na escola aviões de provas, também IAK-18, mas algo modificados, com roda de frente para fins de aterrissagem, para que de futuro fosse mais fácil a adaptação aos aviões a jacto, dotados de trens-de-aterrissagem de três rodas. Voávamos bastante, mas falando francamente, o novo avião não nos agradava muito. Era meio pesado, não tinha, como diziam os aviadores, "potência", seu motor era mediocre. E nos vôos de alta pilotagem ele frequentemente caía em saca-rolhas: é verdade que se apunhava rapidamente logo que se abandonava a direção. Nesse IAK-18 realizávamos os nossos exercícios e para os vôos de observação seguíamos longas rotas, em diferentes trajetórias.

A maioria desses vôos efetuávamos no verão, quando iam para o campo. O campo de nossa unidade trabalhávamos no aeródromo, ficávamos exaustos com o calor, e imediatamente depois do vôo metiamos-nos no rio. A água do rio era fria, de corrente rápida, profunda, e não como na cidade, junto à escola. Construímos banheiros, trampolins para saltos e, nas horas vagas, praticávamos esportes aquáticos, mergulhávamos, nadávamos em emulação de velocidade. Falta-nos o fôlego, numa alegria juvenil, quase infantil.

Nossa esquadrilha foi a primeira a concluir o programa de verão. Ficamos com tempo livre, e o comando, apoiando a iniciativa do Biro do Comsomol, resolveu nos enviar para ajudar na colheita de batatas num dos colécos da região de Charisk, du-



67

zentos quilômetros distante. Chegara o outono, frio e chuvoso. Mas nós trabalhávamos com disposição. Era saudável depois dos vôos trabalhar um pouco na terra. E queríamos ajudar os colécos na colheita da abundante safra. Teríamos alegremente ido para mais longe, para as terras virgens, onde se desbravavam milhões de hectares de novas terras, onde já madrugavam colossais plantações de trigo. Mas dispúnhamos apenas de duas semanas e, naturalmente, não podíamos ir até lá.

As cartas que nos eram dirigidas não chegavam ao coléco, e no fim de nossa "campanha de colheita" senti saudades de Vália. Tudo nela me agradava: o caráter, a pequena estatura, a sinceridade dos olhos castanhos, as tranças e o narizinho pequeno, com algumas sardas. Vália Goriatehova terminara a décima classe e trabalhava na estação telegráfica da cidade. Conhece-mos quando abandonamos a quarentena e demos uma festa dançante na escola. Ela trazia um vestido azul simples, era tímida e reservada. Convidai-a para uma valsa, e desde esse dia começou entre nós uma amizade sólida.

Vália é um ano mais jovem do que eu. Nasceu em Orenburg e até o nosso encontro jamais havia saído dessa cidade. Seu avô — Ivan Stepanovich — trabalhava como cozinheiro no sanatório Krasná Poliana, e a mãe, Várvara Semionovna, ocupava-se em trabalhos domésticos. A família de Vália era grande: três irmãos e três irmãs, sendo ela a mais nova e, por isso, a mais querida de toda a família. Logo depois de haver conhecido Vália passei a frequentar a casa dos Goriatehov. Eles me tratavam com grande amabilidade. Lembrou-me da primeira vez que fui à sua casa, depois de uma corrida de esquis, ainda com as roupas de esporte. Várvara Semionovna acabava de regressar de seu lugar natal, de Kaluga, e trouxera consigo nozes silvestres.

(Continua no próximo número)

Linus Pauling: "Revolução Cubana Exemplo Vivo Para Tôda a América"



Pauling

NOVA IORQUE (PL) — Se o que o Mundo está experimentando a esta altura fosse o alvorecer da tecnologia, seria preciso reconhecer que os homens de ciência têm muito que ensinar aos estadistas na tocante à liberdade de espírito e consciência de sua responsabilidade histórica.

O Dr. Linus Pauling, Prêmio Nobel de Química, que em 1957 teve parte ativa na luta contra a continuação de provas nucleares, e que, finalmente, chegou a encabeçar um movimento de âmbito mundial a favor de um desarmamento total e completo e da eliminação da guerra como solução para as disputas entre os países, não podia ficar indiferente ao grande fenômeno político, econômico e social da segunda metade do século XX, a revolução cubana, que converteu a Pérola das Antilhas no primeiro país socialista da América.

Repugnou-me, tão logo tive conhecimento dela, a ação dos Estados Unidos ao preparar a invasão e tentar derubar o governo revolucionário cubano, disse-nos Pauling quando o entrevistamos em seu hotel em Nova Iorque.

«Os Estados Unidos — prosseguiu — devem apoiar o governo revolucionário cubano e abandonar a defesa dos grandes interesses norte-americanos que em Cuba batiam-se pela manutenção de seus privilégios. Devem proteger Cuba militarmente em vez de atacá-la com as armas».

Pauling e sua esposa, Ava Helen, acabam de regressar de Oslo, Noruega, onde assistiram a conferência contra a difusão de armas nucleares.

«CUBA, EXEMPLO VIVO»
«Lá, como em toda parte atualmente — disse Pauling — falou-se de Cuba e de sua revolução socialista. Cuba, como vimos, foi alvo de consideração na conferência da Organização do Tratado do Atlântico Norte, que se seguiu à conferência de Oslo. É sobre o significado da revolução para a América: Creio que a Revolução Cubana é um exemplo vivo para a América Latina. Acho que poderia perfeitamente enquadrar-se em uma espécie de socialismo como o que existe nos países escandinavos.»

O cientista norte-americano manifestou-se a favor

da nacionalização, incluindo nesta as grandes indústrias, os serviços públicos, os recursos florestais, a força motriz, o petróleo e as fontes de riquezas naturais.

A CONFERÊNCIA DE OSLO

Durante os três quartos de hora que concedeu à **PRENSA LATINA**, em seus aposentos no hotel, Pauling falou enfaticamente. Alto, calvo mas cultivando hirsutas melenas, expressava-se como um cruzado, como alguém plenamente convencido de que o mundo odela a guerra e que tudo fará para combater as que — merca delam com o ódio — lucraram com os holocaustos.

Lembramos que em Oslo estiveram presentes 35 cientistas, provenientes de 15 países. Durante cinco dias discutiram os perigos da guerra nuclear e a destruição que poderia resultar da difusão de armas nucleares a outras nações ou grupos de nações. Comentou a Declaração de Oslo e expressou sua fé em que «sabremos evitar a imoralidade da guerra». Essa Declaração adverte que «existe a possibilidade de que várias nações venham a adquirir armas nucleares» e que «esse é um dos riscos mais graves de chegarmos a uma guerra nuclear».

Homens de ciência da Austrália, Canadá, Tchecoslováquia, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Hungria, Japão, Noruega, Polónia, Suécia, Estados Unidos e União Soviética, participaram das reuniões de Oslo, incluindo físicos, químicos, historiadores, químicos, biólogos, sociólogos, teólogos, filósofos, economistas, radiobiólogos e engenheiros.

QUEM É PAULING

O Dr. Linus Pauling, nascido em Portland, no Oregon, E.E.U.U., saiu à luz pública como homem de sua época quando a subcomissão do Senado, encarregada de zelar pela segurança interna do país, ordenou-lhe que comparasse a suas audiências e apontasse as pessoas que ajudaram a circular petições contra as provas nucleares em 1957. Pauling negou a mencionar os nomes para não ficar, conforme alegou, ali, com um pé na consciência. Pauling é um dos patrocinadores do Comitê Pró-Relações Justas com Cuba, em S. Francisco.

Sua valente atitude provocou firmes reações por parte de personalidades de grande prestígio internacional. «Estou horrorizado com o procedimento da Subcomissão do Senado — disse Bertrand Russel em um telegrama a Pauling. «Na minha opinião, exilaram de você o que qualquer homem honrado consideraria uma ação desonrosa».

Max Born, Prêmio Nobel de Física, telegrafou-lhe nos seguintes termos: «Quero comunicar-lhe a indignação que me tomou quando soube que a subcomissão de segurança interna do Senado quer obrigá-lo a revelar os nomes dos homens de ciência que o ajudaram a colher assinaturas para sua petição às Nações Unidas a respeito das provas nucleares. Tem toda razão ao se recusar a fazê-lo, já que a exigência da Subcomissão só pode significar a perseguição dos indivíduos por causa de suas convicções políticas... Admito sua decisão de colocar os ideais acima de qualquer outra consideração e creio que, em última instância, esta é uma forma muito melhor de pagar».

triotismo do que a obediência em silêncio.

Finalmente, entre os onze mil cientistas que assinaram a petição de Pauling, Erwin Schroedinger, físico laureado com o Prêmio Nobel, escreveu: «Indigna-me saber dessas coisas e lhe rogo que faça público que estou totalmente de acordo com seus propósitos e que admiro grandemente sua atitude».

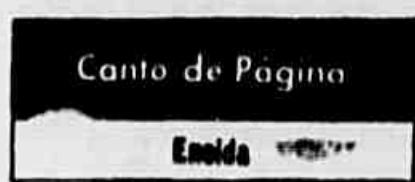
Pauling, que com sua esposa Ava Helen viaja constantemente, enquanto prossegue em seus estudos de química, manifestou finalmente seu desejo de conhecer Cuba e a revolução, ressaltando, porém, que antes terá que terminar certas tarefas científicas que estão em atraso e que deve concluir sem mais demora.

«Depois então sim, iria a Cuba antes de mais nada», declarou encerrando a entrevista.

BEATRIZ BANDEIRA FAZ ROTEIRO

Será apresentado no II Festival dos Escritores, a realizar-se a partir do dia 24 no «Shopping Center» de Copacabana, mais um livro de poesia de Beatriz Bandeira. «Roteiro» é uma seleção de poemas da conhecida poetisa e professora do Conservatório Nacional de Teatro, contendo uma série de inéditos.

Lançado pela Editorial Vitória Ltda., «Roteiro» promete alcançar o mesmo êxito de «Poemas de Sempre», editado pela Livraria São José e já esgotado.



ASSUNTO MUITO CONSTANTE

Não me culpem a mim, — amigos — se viram e meso estou aqui falando de crianças e problemas de crianças. Pude e apenas contá-las sem contar, rememorar, protestar, tudo o que se passa com elas neste país.

Raro o dia em que um jornal não traz uma notícia sobre crianças apanhadas em instituições pré-fábrica abandonada, crianças não tendo escolas nem comida, crianças jogadas nas ruas e muitos etc. Agora mesmo meninos fugiram do Instituto Rural de Jacarepaguá para apanhar. Ninguém fará nada contra isso, podem estar certos. Os carrascos daquele colégio e de outras, continuarão recebendo as bênçãos do governo e do Deus. E as crianças continuarão sofrendo.

Houve um tempo em que eu tinha amigos no governo, pessoas prestimosas que estavam sempre prontas a atender meus pedidos, mesmo porque nunca pedi nada a ninguém para mim, mas sempre ocupei — e muito — gente importante em favor de gente necessitada. Um erro, eu sei. Nesse tempo raro era o dia em que não me aparecesse uma mãe pedindo para internar um filho. Tentava explicar-lhe que não devia internar, que tinha o dever de mantê-lo a seu lado, de educá-lo, instruí-lo. Mas a resposta era sempre a mesma: — Trabalho em casa de família, sou costureira (as profissões variavam) e ninguém quer criança com a empregada.

Depois de muita insistência lá ia eu promover o internamento da criança. Nesse momento fazia eu reportagem sobre criança e seus problemas para o «Diário de Notícias»; durante seis anos vi, toquei, ouvi, vivi não apenas as desgraças das crianças desvalidas desta cidade, mas convivi com elas sentindo a grande vontade existente em tôdas: o direito de serem crianças.

Posso contar muito, muito. Estão nos meus arquivos as reportagens, os depoimentos, os descabros. Posso contar que só vi alegria nas crianças que os espíritos (grandes educadores) agasalham. Não tenho crenças religiosas, mas não conheço nem vi nesta cidade instituição espírita que não mantivesse a criança em ambiente de amor. Posso citar uma por uma dessas instituições, mas não o farei agora. As outras, ah! as outras, que trilexam, que descalabram. Crianças aterrorizadas pelo inferno, crianças mais aterrorizadas com o pecado, na maioria pequeninas, de cabeça baixa, magrinhas, batidas, sofredoras, com o pavor dos carrascos que em torno delas sorriam apregoando a excelência dos seus méritos de educadores.

Talvez eu esteia, nesta crônica tentando fazer uma autocrítica no terreno da criança. Mas posso assegurar que há de mesmo — e felizmente — não tendo nem um amigo no governo, ninguém para apelar em favor de outros, jamais colocarei uma criança numa instituição. Sei bem que elas não e sei também que continuarão vendo assim por muito tempo. Um homem chamado Cavalcanti Froença, coronel do exército, escritor dos melhores e grandes caráter depois numa revista sobre o que é o Serviço de Internamento de Menores. Esse homem foi ouvido alguma coisa? Não, naturalmente.

Chega por agora, se eu voltar ao assunto, perdome, é que para mim só há felicidade num país, quando não há as crianças tão felizes. E essas eu encontro nos países socialistas que visito.

Anum Branco e Outros Contos

Astrojido Pereira

Seria difícil traçar entre uns e outros. Mas ainda isto vem a ser ocioso, inútil: o melhor é mesmo aceitarmos a solução proposta por Mário de Andrade — conto é tudo aquilo que o seu autor declara que é conto.

Isto pôsto, afirmamos e reafirmamos, sem mais sustentáculos nem sofismas teóricos, que Anum Branco é efetivamente um livro de contos. Sem hesitação acrescentarei que é um livro de bons contos, contados com autenticidade, sem mistificações psicológicas, sem fugidias ou fluidas tapações supostamente poéticas. Contos reais, contos captados da experiência vivida, o que quer dizer que nêles o autor nos conta sempre alguma coisa acontecida ou, se não aconteceu, sim-tim-por-tim, aconteceu sem dúvida em seu núcleo central. Nem o contista é fotógrafo, cronista ou repórter, mas um recriador de episódios, cenas, casos, dramas e comédias da realidade.

A psicologia dos seus personagens — na maioria, gente rústica de terra e mar, pescadores, pedes, noturnos, soldados e pessoas adjucentes de ambos os sexos — é a rude mas não empolada nem tôta psicologia própria de sua condição social. O que é uma vantagem, convenhamos, sobre certas sofisticadas psicológicas o mais das vezes tiradas do nada por autores de média imaginação, criadores de almas sem corpo copuladores de efêmeras modas literárias — que nos querem impingir como o suprassumo do arte moderna em matéria de ficção. Aos inventores ou propagadores de almas do outro mundo em tranças de permanente angústia, preferimos em verdade as almas

dêste mundo. Isto é, as almas de gente de carne e osso que vive plenamente neste mundo de dores e alegrias.

E para que buscas inúteis complicações em estranhas dores e falsas alegrias de mundos arbitrários, impossíveis, quando as complicações reais, com suas dores e alegrias, não faltam à nossa volta, aqui mesmo, ao alcance do escritor e do leitor — e agora até com projeções espetaculares pelos espaços espaciais?

Algumas das histórias contadas neste livro se passam num hospital de alienados, onde se acotovelam médicos, enfermeiros, soldados e loucos de vários graus de loucura. A imaginação poderia jogar-se aqui em acrobacias psicológicas, explorando o desequilíbrio e o desgramento próprios do ambiente para construir enredos perturbadores, com alucinações reais e irreais, suscetíveis de abalar o próprio juízo do leitor. O nosso contista soube resistir à fácil tentação, e seus loucos são loucos «normais», que se movem como tais dentro de suas páginas. No caso presente, o contista é também médico, alienista, e seu ofício consiste em curar os doentes existentes e não em contribuir para aumentar o número dêlos. A pretexto de fazer literatura, penso que Renato Mazze Lucas está em bom caminho, recusando-se a sair do terreno da existência comum. Já lá cheia de verdade, sub-âmbia ficcional. Nesta fonte universal tem-se abeberado a grande arte de todos os tempos, e não consta que suas águas estejam a se ar, longe disso. O autor dêste livro, que é um livro de estréia, tem ali o desejo de desdentar-se firmemente, haurindo novos motivos para novos contos e novos livros.

SCLIA R

Dalcídio Jurandir

Bom, nestes dias de julho, ver pintura, em Ipanema, por exemplo, à tardinha. Ver ali um pouco de mar e muito de Scliar. A Petite Galerie, Praça General Osório, 55, apresenta sessenta peças novas do nosso pintor.

Já em Porto Alegre, Scliar fez uma exposição retrospectiva, mais de 150 quadros, vinte anos de quem muito trabalhou, ganhando, dia a dia, vigor e maturidade. Conheci-o pelos tempos da guerra. Vi-o chegar da Itália, praçinha, sem perder nunca a visão cordial e ao mesmo tempo muito fina da vida e do mundo. Sobre tudo um apetite de fazer coisas, uma apurada curiosidade, um meditado entusiasmo, o dom de bem ouvir e ver, o gosto de ser responsável e ser o melhor companheiro.

O artista e o homem, na obra de Scliar, andam inseparáveis. O artista sem disfarces, firme, sabe fixar, em desenho e cor, seja nesta ou naquela natureza morta, o homem exemplar, uma das pessoas mais leais e generosas que conheci na minha vida.

Lembra a nossa viagem ao Chile, a sua comunicabilidade, o fraternal euclitismo, sabendo tão bem convocar quanto promover. Em Porto Alegre, 1953, andávamos discutindo, meses, conversando, entre o tremzinho espi-rita de Villa Lobos na vitrola, o filme de Chaplin e o vasto chá escaldante da mesa noite na cozinha fria. O pintor vinha então uma fase delicada em que necessitava dar maior definição e continuidade ao seu trabalho. Vi-o numa febre de recuperar tempo mas nunca tentado sua facilidade ou pela pressa, severamente vagaroso na sua disciplina, encarando os obstáculos com uma espécie de alegria brava — para vencê-los. Talvez isso na peça que a inspiração não é mais do que a recompensa de um longo esforço feito. E agora vemos o nosso Scliar pleno. Claro que nunca satisfeito, buscador sempre, arte não cessar, tirando do «resíduo» desperdício que é a vida, o pedaço que lhe cabe e a que dá ordem com a sua arte.

ANNA SEGHERS VEM AO BRASIL

Deve chegar dentro de alguns dias ao Brasil a famosa escritora alemã Anna Seghers. Seu nome é conhecido dos leitores brasileiros de obras de ficção e um de seus romances serviu de tema a um filme emocionante que passou há alguns anos em nossas telas: A Sétima Cruz. Outro romance de Anna Seghers foi lançado na coleção «Romances do Povo» pela Editorial Vitória, ainda em 1956. Intitula-se «Os mortos

permanecem vivos». É a epopéia vivida pelo povo alemão no período transcorrido entre as duas guerras mundiais. Se recordarmos a tragédia que foram para o mundo os dois grandes conflitos — os maiores que conhece a história — e se lembramos que o epicentro da imensa catástrofe foi a Alemanha, bem podemos imaginar como uma escritora de talento, uma escritora alemã, que viveu intensamente o período transcorrido desde a subida de Hitler ao poder até o fim da Segunda Guerra Mundial, terá refletido esses acontecimentos no bôjo de um romance. E o que há de melhor no gênero que se convencionou chamar de romance histórico. Temos neste livro um substrato da realidade alemã da época abrangida pelas histórias entrelaçadas das personagens apresentadas pela autora. Não deixa de ser parte da história mesma. Sem esquemas. Os homens e os acontecimentos têm vida e o leitor também os vive.

votos que o contacto direto que teremos agora com a escritora seja uma oportunidade

de também para o próximo lançamento de outras obras suas.



«ABC DO NACIONALISTA»

«A vida do nosso povo é de cortar coração. — No campo, mora em casilbre Na cidade, em barracão. Mas vem da nossa pobreza. Muita fonte de riqueza Que sustenta o tubarão».

Os versos acima, já publicados, anteriormente, são de Rafael de Carvalho, conhecido poeta popular e produtor de rádio e televisão, que acaba de editar um folheto com o ABC Nacionalista, onde, em versos simples, no estilo dos cantadores do Nordeste, exalta a luta que unifica todos os brasileiros em defesa de nossas riquezas.

Infelizmente, o público brasileiro só conhece, até agora, estes dois romances de Anna Seghers. Fazemos

Homenagem a Dias Gomes

Amigos e admiradores do escritor Dias Gomes compareceram em grande número ao almoço que lhe foi oferecido no Restaurante Aurora, do Clube de Engenharia, sábado.

Entre os presentes, Luiz Carlos Prestes, Edison Carneiro, Pedro Bloch, Alex Viary, Dalcídio Jurandir, Floriano Falskal. Também participou o acadêmico R. Magalhães Jr., presidente da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais), que saudou o homenageado e ofereceu-lhe um «livro de ouro»

com a assinatura de todos os presentes. O autor de «O pagador de promessas», recentemente premiado na Academia Brasileira de Letras, agradeceu com poucas palavras e muita emoção. Na foto, o acadêmico R. Magalhães Jr. saudou o homenageado, que e aparece em primeiro plano.



Autores Editados pela «Vitória» Estarão no II Festival de Escritores

Autores brasileiros, editados pela VITÓRIA, estarão no Super Center Shopping, de 24 a 30 de julho, autografando seus livros. Procure-os nas lojas abaixo.

- OSCAR NIEMEYER — «MINHA EXPERIÊNCIA EM BRASÍLIA» Box 104
- ALMIR MATOS — «CUBA: A REVOLUÇÃO NA AMÉRICA» " 103
- MILTON PEDROSA — «NOITE E ESPERANÇA» " 93
- DALCIDIO JURANDIR — «LINHA DO PARQUE» " 92-A
- RUI FACÓ — «BRASIL SÉCULO XX» " 103
- RENATO MAZZE LUCAS — «ANUM BRANCO» " 93-A
- GEIR CAMPOS — «CANTO PROVISÓRIO» " 109
- AT'NA PAIM — «A HORA PROXIMA» " 92-A
- BEATRIZ BANDEIRA — «ROTEIRO» " 47

Prestígio os escritores brasileiros editados pela VITÓRIA.

Adquirir seus livros no II Festival de Escritores Brasileiros, a partir do próximo dia 24, no Super Center Shopping.

Jurema quer uma rosa

A escritora Jurema Iari Finamour, autora de «China sem muralhas», autografou para o público sua mais recente obra, «Precisa-se de uma rosa». Grande número de pessoas compareceu à festa, sexta-feira, dia 14, realizada na Livraria São José. «Precisa-se de uma rosa» foi lançado pela editora do «Jornal de Letras»

«Este senhor Salazar / E fê-lo de sal e azar. / Se um dia chover, / A água dissolve / O sal / E sob o céu / Fica-se o azar, é natural. / Oh, c'os diabos! / Parece que já choveu... / (Fernando Pessoa).

Empresa lanque devastou Durante Anos Reservas de Mogno no Brasil



JORGE AMADO NA ACADEMIA

Na noite de segunda-feira, tomou posse da cadeira para a qual fora eleito na Academia Brasileira de Letras o romancista Jorge Amado. A solenidade despertou inusitado interesse, atraindo numeroso público, repórteres da imprensa e do rádio. Foi a primeira posse televisada na vida da Academia. O discurso de Jorge Amado foi uma síntese de sua vida de jovem inquieto, ao lado dos homens simples, homens do po-

vo, que são personagens de seus romances, até a maturidade e seu ingresso na Academia. Falando sobre o fundador e os ocupantes da cadeira que hoje lhe pertence, demorou-se em considerações sobre a importância da obra de José de Alencar e Machado de Assis, duas figuras marcantes da ficção brasileira. Na foto, Jorge Amado pronuncia seu discurso de posse.

Projeto de Corbisier 5 Milhões da Guanabara Para Auxiliar o ISEB

O deputado Roland Corbisier apresentou um projeto à Assembleia Legislativa, prevendo a dotação de um crédito de 5 milhões de cruzeiros com o qual o Estado da Guanabara subvencionará, no corrente exercício, as atividades do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).

A proposição do deputado Corbisier é acompanhada de longa justificativa, através da qual se enumeram as razões que o levaram a propor a subvenção.

Assinalando que a entidade não receberá do governo federal a verba orçamentária para propiciar o seu funcionamento, mas apenas um destaque de 3 milhões de cruzeiros do total destinado ao Ministério da Educação, sustentou a necessidade do Estado da Guanabara colaborar para o desenvolvimento ini-

terrupto das atividades da entidade tendo em vista o fato de que a mesma tem sua sede na Guanabara e exerce suas atividades neste Estado.

O projeto do deputado Roland Corbisier, além de propiciar ao Estado o reconhecimento da inestimável contribuição prestada pelo ISEB ao conhecimento da realidade nacional e para a formação de especialistas e homens públicos com conhecimentos dessa realidade, tem em vista contribuir para sanar as graves dificuldades financeiras com que luta a entidade.

Compreendendo as delongas da tramitação, na Câmara Federal, — afirma em sua justificativa — de qualquer projeto de lei, e sabendo das graves dificuldades com que luta, no momento, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros, que embora seja órgão federal, continua a ter

sua sede e a funcionar no Estado da Guanabara, julgamos de nosso dever amparar o ISEB, certos de que, assim procedendo, estaremos contribuindo para manter uma Instituição que vem prestando inestimáveis serviços ao estudo dos nossos problemas, ao esclarecimento da consciência nacional e à criação de uma cultura brasileira autêntica.

O projeto do deputado Roland Corbisier, que foi apresentado no dia 14 de julho, vem encontrando a melhor receptividade entre os parlamentares, esperando-se a sua aprovação no mais breve período.

A ação dos comandos fiscais e as denúncias formuladas por alguns órgãos da imprensa goiana e paraense, levaram à revelação de um escândalo de proporções enormes da qual é protagonista a empresa norte-americana RIO IMPEX.

Em menos de 4 anos, segundo fontes comprovadas, a empresa lanque provocou uma verdadeira devastação nas reservas florestais da região limitrofe entre o Pará e Goiás, cortando mais de 20 mil árvores de mogno e derrubando dezenas de milhares de castanheiras. A exploração criminosas, e o prolongamento poderá levar ao extermínio das reservas nacionais do mogno, madeira preciosíssima e conhecida como o "ouro vegetal", começou em 1957 e foi possível graças à concessão obtida pela empresa norte-americana da Fundação Brasil Central e pela qual a mesma tinha a exclusividade para operar, durante 10 anos, na indústria no comércio madeireiros da região.

ROUBANDO E SONEGANDO

Já em 1957, pouco depois da concessão ser outorgada à RIO IMPEX, um comando fiscal visitou a área de exploração da firma norte-americana. O relatório do responsável pela fiscalização já naquela época revelava sérias denúncias contra as atividades da empresa e advertia sobre a ação indiscriminada que levava ao extermínio de milhares de árvores de mogno e castanheiras na região. Verificavam-se também, segundo o relatório, as primeiras infrações da firma norte-americana na cumprimento dos dispositivos da concessão tanto no que se refere à preservação de reservas e ao reflorestamento, como na parte referente à satisfação dos compromissos fiscais (taxas e impostos estaduais e municipais).

Os anos se passaram, umas ou outras vezes eram formuladas denúncias contra as atividades criminosas da empresa lanque, até que, recentemente, os governos de Goiás e do Pará desencadearam uma ofensiva para obter a regularização dos compromissos da RIO IMPEX para com os cofres estaduais. Vindo a público o problema, e constatado que a mesma sonegara brutalmente os impostos (só o governo do Es-

tado de Goiás arbitrou a divisão da firma para com o Tesouro estadual em mais de 1 bilhão de cruzeiros), pôde lançar uma série de acusações contra as atividades criminosas que ela vinha desenvolvendo, provadamente dirigidas aos interesses do próprio país, que levaram a ordem federal a intervir e a conceder a concessão de exploração do mogno que foi outorgada pela Fundação Brasil Central.

O QUE ESTAVAM REBANDANDO

O mogno, conhecido também como Cedro I, é matéria de valor inestimável pelas qualidades, principalmente a durabilidade. Existe em quantidades relativamente grandes na região norte de Goiás e na área fronteira do Pará com o Estado Central (especialmente na zona compreendida entre a margem esquerda do Tocantins e a direita do Araguaia). A RIO IMPEX, que segundo se sabe operava antes explorando as reservas peruanas desse vegetal, voltou suas vistas para o Brasil logo depois que o governo daquele país casou todas as concessões para o corte e exportação. Instalou-se em 1957 no nosso território e iniciou as suas atividades mesmo antes de receber autorização do governo para operar.

Para se avaliar o verdadeiro alcance do que representou para o país o corte e a exportação pela firma norte-americana de mais de 20 mil árvores de mogno, é bastante dizer que uma árvore leva 400 anos, 4 séculos (!) para atingir sua maturidade. Isso quer dizer, simplesmente, o que nos foi roubado pelos norte-americanos só pode ser reconstituído num futuro bastante remoto para nós.

Os prejuízos causados pela atividade da RIO IMPEX não se limitam a esse fato apenas. A derrubada das gigantescas árvores de mogno acarretam sempre a destruição de outras menores na área, atingidas pela sua queda e por ocasião de seu transporte para os rios e igarapés. A zona onde a empresa lanque vinha efetuando o corte do mogno, é também rica em babaçu. Pois bem, durante 4 anos, cada árvore do Cedro I cortada e transportada pelos norte-americanos provocava a destruição de 15 palmeiras de babaçu, árvore

que leva 20 anos para produzir castanhas.

Na região de Araguaia, onde a empresa norte-americana concentra a maior parte de sua atividade, as palmeiras de babaçu foram quase que totalmente destruídas. Nas proximidades do município sempre alguns anos aqui e ali, e nada mais. Esse fato, além dos prejuízos de ordem econômica geral que acarretou, veio dificultar imensamente as condições de vida da gente pobre da região.

TIRA E EXPLORA

A palmeira do babaçu constitui uma espécie de alimento para a família pobre da região norte de Goiás e de algumas zonas do Pará e do Maranhão. De lá tiravam o material para fazer chicha e com a castanha, que vendiam no mercado de Araguaia, o leite, o óleo e dez cruzeiros o quilo, proviam o seu sustento. O extermínio de milhares de palmeiras de babaçu provocado pelo corte do mogno, deixou milhares de camponeses ao desamparo, sem ter a que recorrer para satisfazer as suas necessidades mínimas.

A RIO IMPEX, além disso, veio realizando nessa quatro anos em que operou livremente na região, uma exploração miserável do trabalho dos seus assalariados. Em primeiro lugar, não respeitava as exigências mínimas das leis de proteção ao trabalhador, pagando salários irrisórios e despedindo-os quando bem entendesse e quisesse. Mentando uma máquina de subordinação e corrupção das autoridades, agia impunemente contra os que reivindicavam os seus direitos ou tentavam exigir dela o respeito às leis do país. São numerosos os casos de trabalhadores expulsos da região porque "se atreveram" a protestar contra os métodos utilizados pela RIO IMPEX.

Até há pouco tempo, a firma pagava em média, aos trabalhadores, um salário diário de Cr\$80,00, irrisório como se vê, sem levar em conta horas extras e outras vantagens inscritas na lei. Além disso, descontava de cada trabalhador, sobre o salário, de 25 a 30 cruzeiros por dia, correspondentes à pensão e ao aluguel de prateleira e de aluguéis de prateleira que eles utilizavam para fazer as refeições. Nos acampamentos de corte na floresta, a situação ainda era mais calamitosa. Os assalariados contratados para o corte do mogno trabalhavam em condições de verdadeira escravidão, submetidos ao mais brutal regime de exploração e violências.

MEDIDAS QUE SE IMPÕEM

Diante dos fatos largamente denunciados, outra medida não se impunha ao governo que não a cassação do direito de operar que havia sido concedido à RIO IMPEX. Depois de 4 anos de exploração indiscriminada de nossas reservas florestais e de sonegar criminosamente os impostos e taxas que lhe deviam ser tributados, a firma norte-americana, além de não poder mais exercer suas atividades na região, foi multada pelo governo federal em 600 mil cruzeiros. A quantia é irrisória tendo em vista as obrigações que a mesma tem para com os poderes estaduais das zonas onde exercia sua indústria e seu comércio e tendo em vista os lucros fabulosos que obteve com a exportação da preciosa madeira (vendiam o metro cúbico no exterior a 520 mil cruzeiros em média e tinha uma despesa de 30 mil).

A sonegação de impostos, praticada durante anos, utilizando como meio a divulgação de cifras falsas sobre o número de árvores derrubadas, atinge as raízes do incível. Quantias irrisórias foram arrecadadas durante os quatro anos de atividade da empresa, com a agravante de que não correspondiam inclusive ao verdadeiro valor da madeira exportada. Agora, os governos do Pará e de Goiás estão exigindo da empresa norte-americana que salde seus compromissos e pague o que realmente deve. E isso deve ser feito e exigido. Nesse sentido, em Goiás numerosas entidades e organizações populares, além de jornais, estão desenvolvendo intensa campanha contra a empresa imperialista e exigindo do governo que, pelo menos, recupere o dinheiro que ela deve e que poderá ser empregado em obras públicas.

Além disso, desenvolve-se já em Goiás e no Pará uma campanha no sentido de exigir do governo federal e dos governos estaduais que, tomando providências definitivas para salvaguardar a riqueza que representa para o país a reserva de mogno existente naqueles Estados.

SIGNIFICADO DE UM PLEITO

Roberto Moreno

As eleições no Sindicato dos Marceneiros da Guanabara, apresentou o seguinte resultado: a chapa Democrática e Progressista, composta dos atuais diretores, com algumas modificações, obteve 19.910 votos, a de número dois, 88 e a de número três, 3.263. Já na contagem de cinco urnas estava assegurada a vitória da chapa encabeçada pelo atual presidente, José Amaral de Menezes.

Os componentes das chapas 2 e 3, desenvolveram, durante a campanha, uma propaganda anticomunista, tendo gasto grandes somas de dinheiro, com financiamentos feitos pelos elementos do "Correio Sindical", onde se acolitam os pseudo dirigentes sindicais que recebem recursos do patronato paulista e a ostensiva ajuda e orientação de "O Estado de São Paulo". A chapa número 2, formada por elementos do "Movimento de Orientação Sindical" e Circulos Operários Católicos que pela quarta vez se candidataram, recebeu, igualmente, recursos financeiros para a divulgação de seu programa anticomunista e de calúnias e mentiras contra o próprio Sindicato.

Os elementos do MOS, como já é do conhecimento dos trabalhadores do Brasil, foram os mais encarniçados divisionistas e sabotadores do Terceiro Congresso Sindical Nacional do ano passado e estão ligados a CIOLS-ORIT, que se orienta na luta contra os Sindicatos que não compatuam com os agentes dessas organizações sindicais divisionistas.

Assim, os 1991 votantes da Chapa Democrática e Progressista se manifestaram a favor da justa orientação que o Sindicato dos trabalhadores na indústria de móveis tem seguido desde que nele cessou a intervenção estadonovista.

O significado dos resultados eleitorais no Sindicato dos Marceneiros confirma a justeza da atitude dos trabalhadores de nosso Estado contra os que seguem as ordens dos inimigos da unidade da classe trabalhadora, os que tentam criar os chamados "Movimentos de Resistência Democrática". Aliás, as eleições sindicais deste ano têm revelado o estado de espírito e a disposição de libertar o movimento operário da tutela do Ministério do Trabalho e dos órgãos patronais.

Os picaretas do "Correio Sindical" e os dirigentes do MOS nada podem dizer agora depois dos resultados eleitorais nos sindicatos dos trabalhadores nas indústrias de móveis, calçado, trigo, metalúrgica, ferroviários da Leopoldina, petróleo, que com outros organismos, com o CPDS do Estado da Guanabara e lutam para combater as decisões do Terceiro Congresso Sindical Nacional do ano passado e dos Encontros sindicais realizados em São Paulo e Belo Horizonte.

Durante a campanha eleitoral, foram visitadas quase três centenas de empresas. Nessas visitas, pudemos constatar o ânimo dos trabalhadores na luta por suas reivindicações e direitos. Todas essas observações devem ser cuidadosamente examinadas pela Diretoria eleita, para dar um impulso e organização maior ao Sindicato. Os votos obtidos pelas chapas 2 e 3 não chegam sequer a um terço da votação da chapa número 1. Esse resultado e outros já conhecidos deixam clara a delegação da Guanabara ao "I Encontro do Movimento de Renovação Sindical", não representa coisa alguma, pois não tem apoio dos trabalhadores.

Ficou, também, claro que a unidade sindical não se faz com conchavos. A unidade é realizada pelos trabalhadores dentro dentro das fábricas. Essa é que deve ser nossa orientação. Os trabalhadores não admitem que na direção dos seus órgãos de classe, nomeem membros e agentes patronais e do reação. Por outro lado, com a eleição da Diretoria do Sindicato dos Marceneiros, os trabalhadores demonstraram que o anticomunismo, a intolerância religiosa, as calúnias contra a orientação do Terceiro Congresso Sindical Nacional, só podem trazer derrotas aos que as adotarem como programa político.

A Cidade CADEIA EM VEZ DA ESCOLA

Não sei muita coisa sobre uma cidade de São Paulo que se chamava Avaré. E que me foi apresentada, rapidamente, através de um noticiário cinematográfico. Será como as nossas outras cidades, Criciúma, Namarodos, Trabalhadores. Gente que não trabalha e vive bem; gente que trabalha e vive mal. Algumas alegrias. Muitas necessidades. E não faltam esperanças. Nem sonhos. Quantas crianças viverão em Avaré? Todas na escola? Todas, mesmo? Já terão sido vacinadas contra a paralisia infantil? Bebem leite? Vocês, agora, é que me perguntarão por que me preocupo, hoje, com uma cidade que só vi no cinema. Eu lhes conto.

O noticiário mostra um avião chegando à cidade de Avaré. E descendo do avião, um grupo de autoridades bem vestidas, bem agasalhadas, com esse ar superior que costumam ter as pessoas que se consideram importantes. Era uma comitiva de secretários do Estado e de outras personalidades que chegava àquela cidade, para assistir ao lançamento da pedra fundamental de uma penitenciária. Em seguida, o local da futura construção foi abençoado pelo vigário e o empreendimento enaltecido pelos figurões. Tudo muito comovente. Um bilhão de cruzeiros será gasto numa cidade do interior para construir uma cadeia. Por que será que aquela cidade precisa de uma cadeia tão grande e tão cara? Vão prender as crianças? Os namorados? Os trabalhadores? Todos os explorados da cidade? As esperanças? Os sonhos, também? Quantos criminosos a sociedade fabricará, por ano, em Avaré?

Parece-me completamente sem sentido social ou humano comemorar-se com palmas e água benta a construção de uma cadeia. Mas que sentido social ou humano pode ter o desemprego, a falta de assistência, o analfabetismo, uma criança faminta, a exploração? A soma de tudo isso, afinal de contas, não pode deixar de ser senão muros e grades.

Penso no que seria possível fazer com um bilhão de cruzeiros, pelas crianças daquela cidade. Ou bibliotecas infantis. Ou parques. Ou jardins-de-infância. Ou postos de puericultura. Tanta coisa! Mas já não aconteceu milagres. E em nome da democracia, da justiça, da civilização ocidental e cristã, em nome do progresso capitalista e do mundo livre, sob os aplausos da terra, as bênçãos do céu e por um bilhão de cruzeiros, a cidade de Avaré terá a sua cadeia. Salve!

Broció em Foco

Zé Vicente

Lacerda tem um novo plano que rigorosamente executado acarretará sem grande esforço um aumento de 200 por cento nos atuais níveis já estratosféricos do custo da vida. Mediante a simples criação de companhias de economia mista (economia para as empresas e maiores despesas para os cidadãos), Lacerda espera, com a graça de Deus, passar o preço dos telefones para três e cinco mil cruzeiros, enfiados ou não; a água, com ou sem torneiras secas, será aumentada (no preço e não no fornecimento) em 100 por cento; a coleta do lixo será também luxuosamente paga. Tudo isso foi proposto ao Legislativo em mensagens que o sr. Naldir Laranjeira discutiu, sustentando que a execução da nova política significará um aumento na proporção acima citada.

Atento ao custo da vida, Lacerda não esquece o custo da morte. De seu programa consta a construção de um novo cemitério. O último crime com direito a manchetes envolve preciosa sucessão ao governador. A vítima foi transportada pelo assassino em capota e bonita mala, que custou apenas mil e quinhentos cruzeiros, à vista. Bem mais barata que qualquer caixão convencional dos monarquistas da Santa Casa, caixões, vamos dizer, tristes e feios. Por que o governador não adota oficialmente a mala funerària para comemorar não a redução do custo da morte, a elevação do custo da vida em duzentos por cento?

Cineclubismo

Manuel

«Minha Luta»



ABI: Solidariedade aos espanhóis e portugueses

Por ocasião da passagem do 14 de julho, realizou-se no salão nobre da ABI, sob a presidência do embaixador Álvaro Lins uma solenidade em favor da campanha pela anistia para os presos e exilados políticos portugueses e espanhóis.

Em nome dos brasileiros que aderiram à campanha falou o deputado Roland Corbisier. Os espanhóis exilados se fizeram ouvir pelo cientista Mira y Lopez, e os portugueses por intermédio do jornalista Paulo de Castro, Yara Sales, digna figura do rádio e da televisão, comoveu o auditório superlotado com poemas de Vinícius de Moraes, Murilo Mendes e José Regio. Presen-

te à mesa, usou da palavra o deputado Tenório Cavalcanti. O deputado paulista Germinia Feljó trouxe a solidariedade da Comissão Coordenadora do movimento em São Paulo. Ao final do ato, falou o embaixador Álvaro Lins expondo as condições em que se encontram os povos de Espanha e Portugal e traçando as perspectivas de uma vitória próxima na luta contra as ditaduras de Salazar e Franco.

Foi constituída, na ocasião, a Comissão Coordenadora da campanha do Estado da Guanabara.

O clichê acima mostra Yara Sales quando recitava e um aspecto da assistência.

POEMA A GAGARIN

Eduardo Alberto, leitor da Guanabara, enviou-nos o poema abaixo de saudação a Gagarin.

e pregou no firmamento uma estrela vermelha de cinco pontas que saudou com a mão esquerda a chegada do mundo uni-vo

Eduardo Alberto

BENTO RIBEIRO: DEBATE SOBRE PROBLEMAS LOCAIS

Um grupo de moradores do subúrbio de Bento Ribeiro esteve em nossa redação para nos comunicar que patrocinariam um debate público sobre os problemas daquele bairro e do Estado. O debate terá lugar no próximo dia 22, às 18 horas, na Rua Gita, 22, e para o mesmo estão convidadas todas as moradoras da localidade.

A REFORMA URBANA EM CUBA E AS FAVELAS

No ciclo de Palestras Sobre Problemas Nacionais, patrocinado pelo Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional, falará na próxima terça-feira, dia 25, às 18.30 horas, o jurista Magarinos Torres Filho, sobre o tema: «A Reforma Urbana de Cuba e as Favelas do Brasil». Durante o mês de agosto todas as palestras (sempre às terças-feiras, na mesma hora e local) versarão sobre problemas agrários.

Em Trombas e Formoso (Goiás) São os Próprios Camponeses Que Fazem a Reforma Agrária

Reportagem de RUI FACO
enviado especial de NR (1ª de uma série)

Este relato, como certos romances, começa pelo fim. E o fim é a vitória. Trata-se da vitória dos posseiros de Formoso e Trombas.

Talvez você, leitor, jamais tenha ouvido falar de Formoso e Trombas, ou talvez se tenha esquecido, depois de vários anos passados em que estas duas pequenas localidades — que apenas nasceram — do interior de Goiás ocuparam vastamente as páginas da imprensa, não só daquele Estado como do sul do país.

Em 1956 falava-se muito de supostos bandidos contra os quais estava lutando a polícia de Goiás. Mais tarde as coisas se esclareceram e hoje ninguém tem mais dúvidas a respeito: os «bandidos» eram simples roedores-pobres que começavam a radicalizar-se em terras devolutas, inteiramente abandonadas e incultas, em lugares remotos, quase inatingíveis então pelos meios normais de transporte. Ato de banditismo havia, realmente, mas eram da própria polícia, que perseguia os posseiros, prendia-os, torturava-os, invadia suas casas, incendiava-as, ajudada sempre por soldados capangas dos grileiros. No curso deste relato você se familiarizará com estes termos raros e lhes dará o devido valor.

Prosseguimos.

A vitória de agora, que registramos com satisfação aqui, é a vitória dos posseiros sobre a polícia, sobre os grileiros e seus capangas e sobre os que se apresentavam como bandidos porque lutavam, de maneira espontânea, pela terra, um misero pedaço de terra que lhes passasse dar o sustento, a eles, homens de pé no chão, vestindo roupas remendadas, a suas mulheres e filhos, todos com seus pobres organismos desgastados pela subnutrição, pela malícia, pela doença de chagas, como ainda hoje...

Pois estes homens — vindos do Maranhão, da Bahia, de Minas ou radicados ali mesmo, em Goiás, expulsos de seus Estados ou lugar de origem por não encontrarem meios de vida, premiados pelo latifúndio — estes homens resistiram, lutaram e venceram apesar de tudo.

RECONHECIMENTO

Desde 1938, pelo menos, fizera-se silêncio em torno de Formoso e Trombas. Teriam sido massacrados os posseiros, contra os quais se movera uma guerra de morte em 1933, 36, 37?

Tivemos a resposta agora, em maio último. Num dia daquele mês, uma comissão dos posseiros de Formoso e Trombas, chefiada por Zé Porfírio, era recebida no Palácio do governo, em Goiânia, pelo governador Mauro Borges Teixeira. Eram homens rústicos, de mãos calosas, fisionomias sofridas. Um deles descalço, pisando os finos tapetes da sala onde são recebidas altas personalidades...

... Como eles não tinham, o que queriam, contaram sua vida trágica de muitos anos suas lutas com a polícia que os fora atacar e praticar crimes contra eles. Mas não faziam queixas. Em sua fala tranquila, pausada, nas frases mal compostas gramaticalmente havia uma força invulgar. A senhora do governador, que estava presente à audiência — pois quisera conhecer de perto o outro lado — falou chefe de «bandidos» José Porfírio — comentou para um conhecido:

— Como eles são ativos!
— E' natural, tiveram uma vitória. Não é por acaso que são recebidos hoje no Palácio do governo — replicou o conhecido.

— Não, contestou a senhora. No passado, outros governadores os recebiam também... — homens tão pobres e simples como estes.

— Mas há uma diferença essencial, minha senhora. Aquêles de ontem vinham pedir. Estes de hoje vêm firmar um acordo com o governo.

— Ah, isto o sr. tem razão...

O ACÓRDO

De o acordo foi concertado. Do entendimento entre posseiros e o governo realizado no Salão Nobre do Palácio das Esmeraldas, constam algumas cláusulas. Uma delas, o reconhecimento pelo governo da legitimidade da ocupação de uma área de 10 mil quilômetros quadrados da região de Formoso-Trombas. Nesta área, as terras pertencentes ao Estado serão divididas entre os posseiros que as ocuparam, os que venham a ocupá-las. As terras de particulares serão desapropriadas pelo Estado e igualmente repartidas pelos posseiros. Nas terras em lití-

gio (supostas sesmarias ou objeto de grilagem) o Estado convocará a si as questões, e também estas terras serão entregues aos posseiros, que as dividirão segundo critérios adotados por sua Associação de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas.

Do acordo concluído entre posseiros e governo de Goiás, os títulos de posse serão entregues logo depois da respectiva demarcação. Esta será efetuada por um agrimensor nomeado pelo Estado por indicação dos posseiros — que já foi feito. Ponto importante ficou igualmente esclarecido: o conceito de posseiro, pois muitos grileiros, autênticos ladrões de terras, se arrogam este título. Estabeleceu-se portanto que é considerado posseiro aquele que tem a posse direta da terra e que trabalha a terra. A Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Formoso-Trombas ficou de entregar ao governador uma lista dos legítimos posseiros da região, dos já radicados ou que venham a radicalizar-se ali e queiram tornar-se agricultores. Esta lista será a base para a demarcação e o recebimento das posses.

UMA RESSALVA

Dentro da área de 10000 quilômetros quadrados demarcada segundo o acordo obtido pelos posseiros, existe, ignorada, segundo me disseram, pelo próprio Serviço de Proteção aos Índios, uma tribo indígena em estado ainda selvagem. São índios Canoieiros, cujas aldeias ficam na Mata do Café, numa extensão de aproximadamente 30 mil alqueires goianos, ou cerca de 150 mil hectares. Estas terras serão rigorosamente respeitadas pelos posseiros.

OUTRAS REIVINDICAÇÕES

Além do reconhecimento pelo governo da legitimidade da posse das terras de Formoso-Trombas pelos seus ocupantes e que as trabalham, outras reivindicações destes devem ser atendidas: a criação de 2 escolas, um posto médico, reconstrução (na realidade, construção), da rodagem Entroncamento (Santa Teresa)-Trombas, abertura de uma estrada ligando Campinorte a Campinaçu, além da ajuda para a fundação de uma cooperativa de produção e consumo na região.

A IMPORTÂNCIA DO ACÓRDO

Este o acordo, fato inédito na história da luta pela terra no Brasil. Sua importância reside em alguns pontos essenciais que deixamos assinalados inicialmente. Em primeiro lugar, é o reconhecimento pelo Estado de uma conquista realizada em luta renhida, durante anos, entre posseiros e grileiros, da qual havia participado a própria polícia militar de Goiás. Em segundo lugar, é o reconhecimento de fato, pelo Estado, de que a terra deve ser entregue a quem a trabalha. Numa situação dada, o Estado foi obrigado a tomar partido em favor dos posseiros, contra os mais ferrenhos inimigos destes; os grileiros.

Em terceiro lugar, é o reconhecimento pelo Estado da legalidade da organização criada pelos posseiros, no curso da luta, para a reunião de suas forças e para a defesa de seus interesses: as Associações dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Formoso-Trombas, Serra Grande e Rodovalho. Com estas entidades foi concluído o acordo celebrado no Palácio das Esmeraldas entre a comissão dos posseiros e o governador Mauro Borges. Em quarto lugar, é o reconhecimento pelo Estado da autonomia que possui a Associação para efetuar a distribuição das terras agora em seu poder, segundo critério por ela mesma adotado.

Todos estes reconhecimentos, naturalmente, estão limitados ao âmbito de uma única província e a uma administração que, por circunstâncias particulares, vê-se na emergência de fazer concessões numa questão das mais melindrosas no que se refere à propriedade no Brasil: a propriedade da terra. Não se trata tampouco de uma orientação generalizada daquele mesmo governo, tanto assim que os posseiros terão que resgatar, ao menos simbolicamente, a terra que lhes é reconhecida em posse, num prazo que varia de 6 a 10 anos. Mais ainda, comprometeram-se os posseiros a não ajudar outras lutas semelhantes que surjam nas suas vizinhanças. (Mas, é o caso de perguntar-se: quem ajudou a esta que acaba de tornar-se vitoriosa?...)

Estes senões, porém, não diminuem a importância da conquista dos posseiros de Formoso e Trombas, facilitada por outros motivos que analisaremos mais adiante.

Agora, conhecida a vitória dos posseiros, procuremos o que a determinou, como surgiu, pois a história de Formoso-Trombas ainda não foi contada e para fazê-lo é necessário vencer os milhares de quilômetros que a separam do Rio. O primeiro trecho da jornada é fácil, na mais movimentada das novas linhas aéreas do país, a Rio-Brasília. De lá por diante, um bom trecho de estrada asfaltada nos levará à capital de Goiás, Goiânia. Depois, são uns 400 quilômetros através da BR-14, a famosa e apenas aberta Belém-Brasília, oficialmente denominada Rodovia Bernardo Sayão, mas que ninguém chama assim; todos a conhecem no interior é como a Federal. As outras, são estaduais e pioretas, ou municipais e quase inexistentes, representando não só desconforto como até mesmo perigo de vida.

PREPARANDO-SE PARA A LUTA

Chegue a Brasília, admire este monumento arquitetônico extraordinariamente belo, construído para a burguesia, por um artista revolucionário, vá até à Cidade Livre para conhecer a verdadeira alma do Planalto e, depois, se afaste algumas dezenas de quilômetros pelos arredores: o Gama, o Gaminha, Sobradinho... É gente simples, trabalhadores que os habitam. Ou foram deslocados da Cidade Livre, à força, ou chegaram lá pouco, de lugares ignorados, do Nordeste, do interior de Minas, do próprio Goiás, onde Brasília nasceu. E por toda parte você ouvirá um termo que de início lhe chocará o ouvido, mas que depois se tornará comum: invasão.

Ouvi-o pela primeira vez no Gama, a uns 40 quilômetros de Brasília, onde neste meio ano se radicaram umas 5 mil pessoas. São operários que construíram Brasília, muitos deles hoje desempregados, obrigados a se mudarem de Vila Amauri, nos arredores do Lago.

Até há pouco, isto aqui era uma região alagada — dizem-me — Dessas onde o Israel Pinheiro chegava e ordenava: «Val ser aqui...». E aí plantavam casas, dia e noite, de segunda-feira a domingo, casas improvisadas com os restos das construções de Brasília: sacos de cimento, a princípio, depois as tábuas dos andaimos, depois materiais mais resistentes. A maioria porém é de madeira.

Mas nem só ali onde ordenavam se levantavam casas. Elas surgiam também da noite para o dia em outros lugares, em terrenos muitas vezes destinados pelos sobas à vastíssima especulação imobiliária que acompanhava a construção de Brasília e que prossegue e não pára. As invasões ocorriam e continuavam a ocorrer em todo o dorredor da nova capital, ou de menos o esperam seus planejadores.

Não se busca apenas um lugar para morar. Procura-se um lugar para viver e onde se consigam meios de vida. Brasília reclama alimentos. E os invasores plantam, os invasores criam. Assisti ali no Gama, num domingo ensolarado, um céu de cores amenas, à fundação de uma incipiente associação agrícola. Eram uns 40 homens rústicos, muitos deles nordestinos, já adaptados às condições do clima doce do Planalto, que se congregavam numa Associação Rural, aprovavam seus estatutos, elegiam sua direção, inclusive uma freira, irmã Carolina.

Pergunto-lhes: — Como vocês fundam uma associação rural quando não vejo ainda aqui nem plantios nem criação? — Ah! Mas temos a questão da terra, que todo mundo quer... Brasília quase não tem mais trabalho, o movimento caiu muito, e nós não podemos morrer de fome.

E me contam, com certa amargura e ironia, como foram distribuídas as terras — as melhores terras — dos arredores da Nova Capital. Mais de 400 granjas para deputados, senadores, grandes comerciantes e industriais, especuladores imobiliários que infestaram o Planalto desde que se projetaram os fundamentos de Brasília. Os candangos, os que deram duro levantando edifício por edifício até erguerem aquela maravilha no deserto, os decadentes e enganados candangos foram expulsos e continuam a ser expulsos da Cidade Livre — espécie de



favela das sobras da Nova-cap — com simples promessas de posses. A história da terra no Brasil se repete ali, em miniatura.

As posses não vieram para os pobres. Então tiveram início as invasões.

No Gama e no Gaminha, duas localidades surgidas há pouco, já se concentram umas 20 mil pessoas. Tudo indica que a enorme Cidade Livre, uma vez reduzido o ritmo de construção de Brasília, concluídas as obras essenciais, será deslocada, mais do que pela força, como está sendo pela necessidade imperiosa de viver que têm seus habitantes. E estes se dissolvem pelos arredores de Brasília, em novas invasões, ocupando terras, não obstante todas as cautelas — e todas as violências — de que venham a lançar mão as autoridades.

Pergunto a mim mesmo: Não há, porém, no fim de contas, um interesse econômica própria burguesia em que isto aconteça? Está ela empenhada em povoar o Planalto, em dar-lhe vida, em explorá-lo, fomentar suas riquezas, obter lucros. E não poderá fazê-lo sem homens, sem trabalhadores, que venham para aqui a qualquer preço. As melhores terras já foram por ela apropriadas; as restantes poderão ser ocupadas desde que se respeltem determinadas normas «jurídicas» que mantêm a sacrossanta propriedade privada.

Não há dúvida, porém, de que a situação pode tornar-se explosiva e as classes dirigentes percam seu controle — tão vivo e candente é hoje o problema agrário no Brasil.

ERUPÇÃO NO INTERIOR DE GOIÁS

O passado recente indica esta possibilidade. Há seis anos, em meados de 1953, a imprensa goiana, ou melhor, alguns jornais a serviço dos grileiros — os ladrões de terras desbravadas — bradavam que bandidos estavam agindo na região de Formoso-Trombas. Chamavam urgentemente pe-

la polícia. E a polícia foi, pressurosa. Registrou-se então o primeiro choque armado entre os posseiros — em geral nordestinos, mineiros, baianos, recém-chegados e que ocupavam uma nega de terra devoluta para plantar e criar e conseguir o de comer — e os agentes das autoridades, acompanhados pelos capangas dos grileiros.

JOSÉ FIRMINO

Pelo ano de 1953, quando os primeiros posseiros de Formoso esboçaram uma débil resistência à polícia que os atacava, tinham um chefe em torno do qual se congregavam. Chamava-se José Firmino. Era um posseiro pobre, dos primeiros a chegar à zona de Coqueiro de Galho, em Rio dos Bois, perto de um patrimônio velho: Morro de Campo. Firmino teve então seu nome em evidência. Mas, não aguentou o rojão. Quando eclodiram os primeiros choques mais sérios — diz-me um habitante da região que o conheceu de perto — «ele peneirou», fugiu...

Antes da fuga de Firmino prosseguia porém a luta, ainda em 1954, dirigida por um velho posseiro baiano, de nome Bilinha. Nessa época formou-se o primeiro piquete, de 60 posseiros, decidido a enfrentar um grileiro feroz que pretendia expulsar os posseiros, um tal Sebastião Castro, conhecido por Sebina. Esta ação mais enérgica dos posseiros foi erroneamente atribuída a Firmino, mas na época ele já se encontrava distante da zona em ebulição, umas seis léguas adiante. E' verdade que não capitulava ainda. Nesse mesmo ano de 54 ainda arrombava alguns posseiros; formava também o seu piquete para dar combate à polícia, para dar combate à polícia de Uruçu — a capital dos grileiros — aproximava-se de Rio dos Bois. Mas a polícia, avisada, não se atrevia a enfrentá-lo. Dirigiu-se a Formoso, então minúsculo patrimônio, em cujas proximidades, no córrego Pipeca, Bilinha tinha o seu piquete. Novamente apresentando resistência, a polícia recusa combate.

Como aconteceu sempre com todos os grileiros, Sebina tinha seu forte apoio político na localidade mais próxima. Era-lhe protetor o chefe do PSD em Formoso, outro grande proprietário de terras na zona. João Soares dos Santos. Compreendendo que a situação chegara a um ponto crítico João Soares desiste temporariamente da perseguição policial e adota uma nova tática: convida Bilinha para um entendimento com Sebina, misto de grileiro e advogado. Bilinha e os seus reconheceriam os domínios de Sebina e de seu amigo Eusébio Martins sobre uma determinada área e, em troca, teria um cargo de relativa importância em Trombas: Inspetor de Quartelão, encarregado de cobrar os arrendamentos dos posseiros. Bilinha não resistiu ao processo de corrupção, e capitula.

PORFÍRIO

Mas nem Firmino, nem Bilinha surgido por acaso. Sua atuação refletia um determinado nível de organização — ou falta de organização — dos posseiros. Surgiria naturalmente um líder de mentalidade mais avançada, não corrompível, firme e decidido, na medida em que os posseiros evoluíssem e alcançassem uma relativa unidade. A luta mesma se encarregaria deste processo e forjaria o chefe capaz de dirigir os posseiros na resistência aos grileiros.

Quando a luta se aguçou, com as novas investidas dos grileiros, protegidos pela polícia militar e pelos jagunços, entre meados de 1953 e 1956, ganhou evidência o nome de José Porfírio, ou simplesmente Porfírio.

Era, até então, quase desconhecido entre os posseiros. Não formara nem com Firmino nem com Bilinha. Lutava mais ou menos individualmente, ou melhor, juntamente com os de sua família, uma família numerosa e unida. Defendia seu pedaço de terra.

Para ver-se o quanto a luta desencadeada em Formoso dependeu da iniciativa dos grileiros, de sua insaciável voracidade, de suas ações de banditismo, basta mencionar o fato de que ainda em meados de 1955 Porfírio procurara um entendimento com o grileiro Cristiano Cesar, de Porangatu. Val a sua casa e lhe propôs a compra de uma área de 20 alqueires em suas enormes extensões incultas. Cristiano recusa terminantemente, trata-o com grosseria, sua mulher, enfurecida, é mais violenta ainda com o posseiro que demonstra semelhante audácia. Porfírio trata de sair logo, com o justificado recelo de ser assassinado pelos capangas do grileiro. Era esta a lei da terra: o grileiro mata impunemente o que cala em seu desagrado.

Mas a visita redundou num grande benefício para Porfírio. Ele viu que não era possível qualquer entendimento com grileiros ou com as autoridades que os protegiam e às quais os posseiros costumavam dirigir seus abaixo-assinados pedindo terra. Esta não viria sem a luta.

SURGE A ASSOCIAÇÃO

No mês de abril de 1955 ocorre um choque armado de relativa seriedade em Coqueiro do Galho, na zona de Formoso. Nesse choque a polícia tem duas baixas: morre o sargento Nélson, é baleado o cabo Alguino.

Como aconteceu sempre que morre alguém em luta, a notícia espalha-se por todo Goiás e o nome de Formoso projeta-se nacionalmente. O choque era sinal de que a luta se aguçava, de que os posseiros estavam mais unidos e resolutos em sua determinação de enfrentar os agentes de seus inimigos, os grileiros. Haviam, poucos meses antes, criado uma Associação. Chamava-se Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Formoso-Trombas. Em janeiro de 1955 fora legalmente registrada, com a presença de um advogado que se encarregou do processo, o escritor José Godoy Garcia. Porfírio foi eleito presidente da Associação.

O que era a Associação? A que se destinava? Que teria ela em benefício dos posseiros, cujo número crescia dia a dia em toda a zona de Formoso-Trombas?

Os posseiros tinham com certa desconfiança, umas tinham estado organizado em qualquer outra sociedade, eram homens rústicos, qual tabelião quase todos, tinham vindo do atrasado meio rural do Maranhão ou de outro Estado vizinho para aqueles desertos do Centro-Oeste semiárido. Eram de natural desconfiança e tímidos, jamais tinham conhecido qualquer iniciativa em seu proveito. Mantinham-se, portanto, na sua maior parte, à distância.

Foi quando eclodiram os choques mais sérios entre posseiros e a polícia, coadjuvada pelos capangas dos grileiros. Era junho de 1955. Ainda hoje se fala, como se tivesse ocorrido ontem, na morte do filho de um dos mais famigerados grileiros da zona: Camapum, e um jagunço parabaiano.

«GUERRA FRIA» NO CAMPO

Os posseiros mesmos, em suas conversas, referem-se de vez em quando à guerra fria que tiveram de sustentar por um longo período de tempo. Foi uma situação tensa que se seguiu a esse choque. O caminho de Santa Tereza (o Entroncamento, como chamam, por ser a confluência com a Belém-Brasília, ou o seu desvio) até Trombas, nos pontos estratégicos, ficou semeado de piquetes, alguns volantes, outros fixos, dia e noite, durante três meses. Grupos de posseiros se revezavam nos piquetes e no amanho da terra, pois era a época do plantio. A enxada de um lado e a espingarda do outro. De noite, olhos vigilantes atavam para a misera verdade por entre a mata, a que chamavam estrada. Eram barrancos e barrancos, córregos a cada passo, não havia pontes, mas sobre as simples pinguelas, os córregos, podiam passar veículos carregados de soldados e capangas. Da estrada poderia vir a morte. Derrubavam árvores impedindo-a. Mas as árvores eram removíveis ou podiam ser contornadas. A fúria avassaladora dos grileiros e de sua política venia até então todos os obstáculos. A terra valia qualquer sacrifício...

Para aqueles homens pobres que faziam a sua pobre sementeira de subsistência a terra era mais do que a vida: era a sobrevivência imediata. Por isso pegavam em armas, vigilantes, atentos ao menor ruído, suportando dias e noites seguidos de chuvas ininterruptas. Era a época das águas — como eles dizem sabiamente, sem usar nunca o termo inverno. Não podiam comer comida feita: feijão, carne, farinha, arroz. Alimentavam-se de enlatados, que pareciam não matar a fome, nem satisfaziam seu paladar. Seria que mesmo no meio da chuva viriam os soldados? Sim, podiam vir, seus caminhões eram cobertos de lanternas reforçadas, que os abriam bem. Ademais, por ser a época do plantio, tinham os grileiros o propósito de impedir que os posseiros viessem a ganhar mais amor àquelas terras, vendendo-as florescer e frutificar, e mais renhidamente lutassem por ela, em sua defesa. Os soldados podiam vir precisamente para impedir o cultivo das terras...

Certa noite, chovia tanto, havia tantas horas os homens estavam encharcados, tirando de frio, engelhados, os dedos imóveis ao galinho, que foram para junto de suas famílias, abrigadas em choças improvisadas, próximo. As mulheres se horrorizavam ao vê-las voltar. Eles tentaram explicar:

— A gente não aguenta mais, de tanta chuva, de tanto frio... Esta noite não vai ter piquete na estrada...

— Como? Não vai ter piquete na estrada?! Então nós vamos...

E a determinação das mulheres era inabalável.

Os homens voltaram, sob a chuva.

NOVOS RUMOS